



afalgarve

futebol algarvio

N.º 73

Maio / Junho '13

**Farense volta à 2.ª Liga
e brilha também no futsal**



**Lusitano e Albufeira Futsal
erguem a Taça do Algarve**

**Ferreiras celebra triunfo
no Campeonato da 1.ª Divisão**

Mais de 300 mil utilizações

CENTRO NÁUTICO
ABERTO TODO O ANO

PAVILHÕES

PISCINAS MUNICIPAIS

CAMPOS DE FUTEBOL

PISTA DE ATLETISMO

Sumário

5 – ABERTURA

7 – MENSAGEM

8 – FARENSE DE VOLTA À 2.ª LIGA

10 – ORLANDO DUARTE NAS JORNADAS TÉCNICAS DE FUTSAL

10 – SUB-14 VENCEM TORNEIO DA VIDIGUEIRA

11 – PAULO BENTO LOTA AUDITÓRIO DA AF ALGARVE

12 – ALBUFEIRA FUTSAL CONQUISTA TAÇA DO ALGARVE

14 – FERREIRAS SAGRA-SE CAMPEÃO DA 1.ª DIVISÃO

16 – TRAQUINAS VIVEM A FESTA DO FUTEBOL

16 – SILVES RECEBE AJUDA DE 175 MIL EUROS

17 – FUTEBOL FEMININO RENASCE NA NOSSA REGIÃO

18 – LUSITANO CONQUISTA TAÇA DO ALGARVE PELA TERCEIRA VEZ

20 – FUTSAL: AS LEIS DO JOGO

21 – BOLA AO CENTRO, POR JOÃO LEAL

24 – DO JOGO DA BOLA ÀS CIÊNCIAS DO DESPORTO

30 – AUTOCONCEITO, ADOLESCÊNCIA E PERFORMANCE DESPORTIVA

33 – O OLHAR DE... NUNO ENCARNAÇÃO

34 – ÚLTIMO PONTAPÉ

Ficha Técnica

Revista AF Algarve
N.º 73 – Maio/Junho de 2013

Director: Carlos Jorge Alves Caetano

Coordenador editorial: Armando Alves

Textos de: Armando Alves, António Pincho Correia, Prof. Dr. J. Martinez, Prof. José Guilherme, João Leal, Prof. Dr. Jorge A. Araújo e Nuno Encarnação

Fotos: Armindo Vicente, Carlos Almeida, Carlos Vidigal Jr, Hélio Justino, Luís Forra, Mira, Néilson Pires, Nuno Eugénio, José Carlos Campos, Vasco Célio e arquivo da Associação de Futebol do Algarve

Montagem e impressão: Gráfica Comercial, Parque Industrial, Loulé

Propriedade: Associação de Futebol do Algarve, Complexo Desportivo, 8000 FARO

Endereço electrónico: revista@afalgarve.pt

Sítio da AF Algarve: www.afalgarve.pt

Depósito legal: 242121/06

Distribuição gratuita

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa da AF Algarve

16



8



17





inspiramos as melhores jogadas



loulé
concelho

Associação Cultural de Salir | Casa Benfica de Loulé | Centro Animação Apoio Com. da Freguesia de Alte
Clube Desportivo Checul | Clube Desportivo de Boliqeime
Clube Desportivo Recreativo Quarteirense | Internacional Clube Almancil | Juventude Sport Campinense
Louletano Desportos Clube | Quarteira Sport Clube | Sociedade Cultural Os Falcões
Sociedade Recreativa Almancilense | Sociedade Recreativa Loulé-Gare

Abertura

O aplauso aos “nossos”

A Associação de Futebol do Algarve vai promover em breve a quinta edição da “Festa do Futebol”, uma iniciativa que começa a ganhar raízes e tem vindo a assumir gradual significado e importância, reunindo, no final de cada campanha, a “família” do futebol e do futsal da nossa região.

Dentro de um processo o mais democrático possível, em que se pede aos responsáveis directivos dos nossos clubes para elegerem o Dirigente do Ano e aos técnicos para distinguirem o Treinador do Ano (futebol e futsal), o Jogador do Ano (futebol e futsal) e a Jogadora do Ano (futsal), os prémios apresentam-se sempre como um dos momentos altos da iniciativa mas o fundamental princípio subjacente passa por proporcionar uma jornada de convívio, de diálogo, de gente que se apresentou com adversária ao longo da temporada mas ligada por laços de companheirismo e, em muitos casos, de amizade.

A Associação de Futebol do Algarve tem promovido esta iniciativa a custos muito reduzidos (nalgumas edições de todo insignificantes), graças a parcerias estabelecidas para o efeito, tendo a edição deste ano a relevante colaboração do Hotel Hilton Vilamoura – As Cascatas Golf Resort & Spa, que saudamos pela sensibilidade demonstrada.

A exemplo do sucedido nas edições anteriores, além da entrega dos prémios relativos à temporada 2012/13 – e que incluem ainda, além dos já referidos, os relativos ao Árbitro do Ano (futebol e futsal), Jogador Jovem do Ano e Equipa Jovem do Ano – a Associação de Futebol do Algarve distingue figuras ligadas à região com importante trabalho realizado a nível nacional e internacional, como sucedeu, por exemplo, com Manuel Cajuda e com Manuel José, dois treinadores que são autênticos embaixadores do Algarve e do seu futebol. E assim voltará a suceder na Festa que em breve decorrerá, com a presença de um convidado muito especial, o silvense Rui Bento, com um percurso notável enquanto jogador (sobressaindo, entre muitas conquistas, o título mundial de juniores, em 1991) e a dar passos seguros na carreira de treinador.

Tem havido, ainda, a preocupação de reconhecer o esforço e o contributo prestado por agentes de vários quadrantes já retirados, num gesto de reconhecimento que se impõe e é, sempre, um acto de justiça. Assim vem sucedendo com dirigentes, jogadores, árbitros e jornalistas, enfim, com aqueles que muito apropriadamente o nosso amigo e colunista João Leal define como “a tribo do futebol algarvio”.



A Festa do Futebol de 2013 contará com algumas inovações, num esforço de melhoramento de um evento que é já também uma referência no todo nacional do movimento associativo, pois são poucas as nossas congéneres que promovem uma iniciativa com as características idênticas a esta, com a qual nos despediremos de uma época desportiva difícil, por força da escassez de recursos com se debatem os nossos clubes, mas marcada por sucessos muito significativos, os quais merecerão o devido aplauso nesta reunião da família do futebol e do futsal do Algarve.

Armando Alves

NOTA

Por manifesta falta de espaço não nos é possível, neste número, dar eco de vários sucessos de equipas algarvias, ficando desde já a indicação de que tais momentos de felicidade e glória terão o devido eco nestas páginas, muito em breve. A clubes e atletas o nosso pedido de compreensão.

offset & digital print

60 anos a seguir a evolução!

**gráfica
comercial**
ARNALDO MATOS PEREIRA, LDA.

A logo celebrating 60 years, featuring the number '60' in a large, stylized font with 'anos' written vertically to its right. Below the '60' is the text 'desde 1953'.

Gráfica Comercial - Arnaldo Matos Pereira, Lda. | Zona Industrial de Loulé - Apartado 247
8100-911 Loulé - Algarve - Portugal | Tel.: 289 420 200 | Fax: 289 420 201
geral@graficacomercial.com | facebook.com/grficacomercial

www.grficacomercial.com

Mensagem

Presidente da Direcção da Associação de Futebol do Algarve
Carlos Jorge Alves Caetano



Capacidade e empenho

1 – Na próxima época, a nossa região vai estar representado por três equipas (Olhanense, Portimonense e Farense) nos campeonatos profissionais, algo que não sucedia desde a campanha 1993/94 (com o Farense na 1.ª Liga e Portimonense e Louletano na 2.ª Liga). Trata-se de um sinal claro de ressurgimento e de vitalidade do futebol algarvio, demonstrativo das capacidades e do empenho dos dirigentes, num quadro reconhecidamente muito difícil.

2 – Um outro indicador evidente do que acima referimos está patente na presença de quatro equipas algarvias no novo Campeonato Nacional, que vem substituir a 2.ª Divisão, no âmbito da reestruturação dos quadros competitivos. A Louletano e Quarteirense, que rubricaram percursos muito positivos na última edição da 2.ª Divisão, juntam-se Esperança de Lagos, um dos promovidos no adeus da 3.ª Divisão, e o Ferreiras, a primeira equipa da nossa região a ascender directamente dos distritais para a nova e única prova de âmbito nacional que teremos a partir da próxima época.

3 – Assinalemos ainda, com um forte aplauso, o feito do Paderdense, que garantiu a participação no primeiro Campeonato Nacional de futsal feminino, na próxima época, no âmbito da reformulação do quadro competitivo neste sector. No apuramento, feito através da Taça Nacional, as nossas pentacampeãs alcançaram o objectivo traçado, num prémio de todo merecido para a qualidade do trabalho ali desenvolvido.

4 – Num esforço que tem em vista proporcionar a necessária evolução e actualização dos nossos agentes desportivos, a Associação de Futebol do Algarve tem promovido diversas iniciativas de reconhecida importância, das quais salientamos as Jornadas Técnicas, com a sessão que teve a presença do seleccionador nacional, Paulo Bento, a redundar num sucesso apreciável, ten-

do também Orlando Duarte suscitado a atenção de muitos dos nossos treinadores de futsal. Desenvolveremos futuramente outras acções, sempre com um propósito subjacente: uma melhor qualificação de todos, para sermos mais capazes e produzirmos um melhor trabalho.

5 – Na procura de parceiros que viabilizem este tipo de iniciativas, a Associação de Futebol do Algarve tem contado com a disponibilidade de empresas sensíveis à importância do futebol e do futsal, a quem desde já agradecemos. Os responsáveis do Hotel Hilton Vilamoura – As Cascatas Golf Resort & Spa, da Cofihst e do Hotel Faro abriram as portas à colaboração com a AF Algarve, numa relação que esperamos fazer perdurar no tempo, com vantagens mútuas.

6 – Com a temporada a chegar ao fim, queremos aqui deixar uma palavra de reconhecimento e de estímulo aos dirigentes dos nossos clubes, pedra angular da actividade que diariamente se desenrola nos campos de futebol e pavilhões da região. Se a tarefa não era fácil mesmo quando os recursos não se mostravam tão escassos, agora só um esforço redobrado permite a continuidade de um trabalho de notória qualidade. Os resultados são a prova disso e não nos referimos apenas às subidas de escalão – a presença de sete praticantes de clubes algarvios em diversas selecções nacionais, ao longo da época, é porventura um sinal ainda mais expressivo da valia do labor produzido.



CLUBE VOLTA AOS CAMPEONATOS PROFISSIONAIS APÓS DÉCADA DE AUSÊNCIA

Recuperação sensacional coloca Farense na 2.ª Liga



O Farense está de regresso aos campeonatos profissionais, após uma década de ausência, com uma notável recuperação na tabela classificativa – o clube da capital algarvia chegou a registar um atraso de sete pontos para o então comandante, o Mafra – a traduzir-se numa imensa festa no Estádio de S.Luís, que encheu no jogo decisivo, frente à União de Leiria SAD.

“Faro e os farenenses merecem esta alegria”, sustenta o presidente do clube, António Barão, um dos principais obreiros do ressurgimento do clube, que passou por sérias dificuldades e teve de recomençar a partir do escalão mais baixo, a 2.ª Divisão da Associação de Futebol do Algarve.

“Esta cidade gosta de futebol e ama o Farense, algo que foi visível no jogo decisivo do campeonato. Mesmo nos campeonatos distritais, a equipa contou sempre com forte apoio e essa alma, que nunca desapareceu, permitiu o desejado ressurgimento”, assinala António Barão.

O Farense “deu uma prova de que está vivo e o retorno aos campeonatos profissionais será mais um passo para reconduzirmos o clube, num futuro não muito distante, a um patamar mais de acordo com a história deste emblema e também com a sua dinâmica e vitalidade”, sustenta o presidente.

Ponto assente é a escolha do Estádio de S.Luís para os jogos da 2.ª Liga. “Trata-se da nossa casa, um campo com uma longa história, de fácil acesso para a maioria dos nossos adeptos, sobretudo os idosos e os desfavorecidos, sem meios para se deslocarem ao Estádio Algarve. No S.Luís,

sentimo-nos verdadeiramente em casa. Sabemos que serão necessárias algumas obras, no sentido de correspondermos às exigências regulamentares, mas estamos dispostos a promover esses melhoramentos, na sequência, de resto, de trabalhos que temos vindo a promover, no sentido de oferecer melhores condições a quem se desloca ao nosso recinto.”

Com uma SAD ainda em actividade, formada em 1999, o clube está “a promover as diligências necessárias para criar uma nova SAD e vamos, seguramente, resolver essas questões em tempo útil. Sofremos muito para regressar aos campeonatos profissionais e seremos agora capazes de criar as condições necessárias para competirmos nestes patamares.”

António Barão elogia “a fantástica massa associativa do Farense, a quem este su-

cesso é dedicado” e faz uma referência particular “a algumas pessoas que deram um contributo imprescindível para criar as condições necessárias ao sucesso: Aníbal Guerreiro, João Rodrigues e Luís Sousa.”

FORTES NO FIM

Chegado como um desconhecido, e numa fase de alguma descrença, devido à margem de folga adquirida pelo Mafra, o técnico Mauro de Brito, que nunca trabalhara na 2.ª Divisão, teve um desempenho coroado pelo sucesso. “Foi uma recuperação notável, alicerçada numa crença de todos quantos trabalharam diariamente na procura de melhores resultados. Aos poucos conseguimos encurtar a diferença, colocando uma cres-



cente pressão no líder, e na ponta final o Farense mostrou-se mais forte, com seis vitórias consecutivas, e ganhou com mérito”, assinala o treinador.

Mauro de Brito agradece a oportunidade que lhe foi dada. “O clube fez uma aposta arriscada mas julgo que consegui ultrapassar a desconfiança inicial. Os resultados começaram a surgir e conseguimos o objectivo traçado. Estou grato aos responsáveis do clube e, também, aos adeptos, sempre fantásticos: mesmo nos jogos em locais mais distantes, como na Madeira, na penúltima jornada, sentimos muito apoio em redor do campo.”

Faltou apenas “a cereja no topo do bolo, pois não conseguimos vencer o torneio final de apuramento do campeão. Mas isso não apaga uma época fantástica, num clube que merece, pela sua história e pela adesão popular, estar nos escalões profissionais.”

OUTROS SUCESSOS

O Farense viveu uma época extraordinária no futebol sénior mas também noutras competições, com particular destaque para um feito inédito, a vitória no Campeonato do Algarve de futsal, no ano de estreia na modalidade. A equipa orientada por Emmanuel Pagani terminou a fase regular no quarto posto e não figurava entre as principais candidatas à subida mas no play-off do título mostrou-se mais forte. Curiosamente, as maiores dificuldades foram vividas no duelo com o quinto classificado (Gejupce), que obrigou a terceiro jogo, sempre com resultados tangenciais. Nas meias-finais o Farense superou o vencedor da fase regular, a Casa do Benfica de Vila Real de Santo António, e na final o Pechão, sendo necessários, em ambos os casos, apenas dois jogos.

Saliente-se, por último, o triunfo do Farense no campeonato da 1.ª Divisão de iniciados, em futebol, numa campanha em que a equipa permaneceu imbatível até muito perto do fim, superando o Portimonense, que também aspirava à subida aos nacionais.



SESSÃO ENRIQUECEDORA NAS JORNADAS TÉCNICAS DE FUTSAL

Experiência de Orlando Duarte compartilhada com algarvios

Um dos mais conceituados treinadores portugueses, Orlando Duarte, com uma larga trajetória no comando da selecção nacional e do Sporting, tendo alcançado feitos relevantes tanto na condução da equipa das quinas como naquele clube, foi o convidado da primeira parte das Jornadas Técnicas de Futsal – 2013, uma iniciativa da Associação de Futebol do Algarve, com o apoio do Hotel Faro.

Seis vezes campeão nacional em Portugal (a que se junta uma Taça de Portugal e uma Supertaça), Orlando Duarte viveu na temporada 2012/13 a sua primeira experiência no estrangeiro, sagrando-se campeão da Letónia ao serviço do FK Nikars, e grande parte das questões colocadas pelos treinadores algarvios participantes na acção de formação incidiram sobre as condições encontradas num país e num futsal pouco conhecidos entre nós. O tema da sessão era "Processo ofensivo – ideia e capacidade

de decisória" e aspectos de ordem táctica centraram particularmente as atenções, com Orlando Duarte a referir alguns dos pequenos "segredos" que o levaram ao sucesso, tanto no domínio do treino como depois na competição, alertando os técnicos algarvios para pormenores que por vezes passam despercebidos, em particular no trabalho de preparação durante a semana, e que em muitas ocasiões acabam por revelar-se decisivos.

As Jornadas Técnicas de Futsal – 2013 vão incluir ainda uma segunda sessão, esta com a presença de André Teixeira, treinador do Modicus, sob o tema "A defesa à

zona em equipas de alta competição", a qual não pôde realizar-se na data inicialmente apazada e será anunciada oportunamente. Tal como sucedeu aquando da vinda de Orlando Duarte, também esta sessão contará uma parte teórica e uma parte prática, com o esforço da Associação de Futebol do Algarve e do seu departamento técnico a resultarem, por via destas iniciativas, num importante enriquecimento para os nossos treinadores de futsal.



Sub-14 vencem na Vidigueira

A selecção do Algarve de Sub-14 venceu a 4.ª edição do Torneio da Vidigueira, alcançado o segundo sucesso consecutivo naquela prova disputada no distrito de Beja, com os nossos jovens jogadores a terem, mais uma vez, um comportamento meritório e merecedor de aplauso.

Na primeira jornada, Algarve superou Portalegre, por 2-1, enquanto Évora levou a melhor diante de Beja, por 3-2. Na ronda final, e no apuramento para o 3.º e 4.º lugares, Beja goleou Portalegre (6-0), com o Algarve a erguer o troféu de vencedor depois de ganhar a Évora, por 3-2.



JORNADAS TÉCNICAS CONSTITUÍRAM UM SUCESSO ASSINALÁVEL

Sala cheia para ouvir o seleccionador Paulo Bento

O auditório da Associação de Futebol do Algarve registou uma das suas maiores molduras humanas de sempre nas Jornadas Técnicas "Futebol 2013", que contaram com a presença do seleccionador nacional, Paulo Bento, e outros dois elementos da estrutura técnica da Federação Portuguesa de Futebol, Ricardo Peres e Sérgio Costa.

A iniciativa da AF Algarve, desenvolvida em parceria com o hotel Hilton Vilamoura – As Cascatas Golf Resort & Spa, resultou num diálogo franco aberto de Paulo Bento – que cativou pela clareza das ideias expressas e pela simplicidade e abertura no relacionamento com os treinadores algarvios –, seguramente muito enriquecedor para os participantes, os quais colocaram várias questões pertinentes, suscitando um amplo e esclarecedor debate.

Paulo Bento abordou "A operacionalização do modelo de treino e do modelo de jogo – clube versus selecção", numa constante interacção com a plateia, que correspondeu à filosofia subjacente a esta iniciativa: a conversa prolongou-se pela noite dentro, respondendo Paulo Bento a todas as dúvidas e perguntas que lhe foram dirigidas e ele próprio colocando novas interrogações, a fim de abrir a discussão sobre temas diversos, numa sessão sem dúvida de grande importância e significado para todos quantos fazem do treino a sua actividade de eleição e também para quem tem paixão pelo futebol.

Depois de cerca de duas décadas sem a presença de um seleccionador nacional numa acção de formação, na sede da AF Algarve, a presença de Paulo Bento constituiu um momento particularmente significativo, com o responsável máximo pela estrutura técnica da FPF a responder afirmativamente ao pedido que lhe foi dirigido pelo departamento técnico da AFA, importando referir o labor de José Borges e de Arlésio Coelho, determinante no sucesso das Jornadas Técnicas.

Dois outros elementos da estrutura técnica federativa participaram na sessão. Sérgio Costa abordou o tema "A análise do adversário e a sua integração no modelo de treino e jogo", apontando vários exemplos relativos ao trabalho realizado na observação dos adversários de Portugal no Campeonato Europeu disputado no ano passado, na Polónia e na Ucrânia – os



pontos fortes, os mais vulneráveis, pormenores relativos às transições ofensivas, ao posicionamento defensivo e aos lances de bola parada foram escalpelizados em detalhe.

Por sua vez, Ricardo Peres falou sobre o tema "Guarda-redes em jogo", dedicando a sua intervenção a aspectos que vão desde o treino e a preparação específica para aquele posto a situações que ocorrem durante as partidas e nas quais é necessário um prévio "trabalho de casa", mediante as características do adversário, o seu posicionamento no terreno, alterações estratégicas e múltiplos outros pormenores, sendo passados aos intervenientes informações e indicações de extremo interesse. No final, e assinalando a presença do seleccionador nacional nesta iniciativa e a receptividade ao convite que lhe foi dirigido, o presidente da mesa da Assembleia Geral da Associação de Futebol do Algarve, Reinaldo Teixeira, entregou uma lembrança da AFA a Paulo Bento, procedimento registado, igualmente, para com Sérgio Costa e Ricardo Peres.

PERCURSO MUITO POSITIVO TEVE PRÉMIO FINAL

Albufeira Futsal fecha época com Taça do Algarve

Objectivo cumprido na 2.ª Divisão, com a manutenção garantida sem sobressaltos, e triunfo na Taça do Algarve como uma espécie de cereja no topo do bolo, numa época muito positiva do Albufeira Futsal. Na final, disputada em Paderne, houve muita emoção na primeira parte, com a Casa do Benfica de Vila Real de Santo a responder aos dois golos apontados pelos albufeirenses, repondo a igualdade, mas no segundo tempo registou-se uma diferença assinalável entre os dois conjuntos, expressa no marcador final: 10-2.

“Mais um ano de sucesso, no seguimento de outros, com excelente comportamento não apenas dos seniores mas também dos juniores, campeões do Algarve”, refere Carlos Gabriel, presidente do Albufeira Futsal.

O clube “tem apostado fortemente na formação e os resultados desse empenho estão à vista, por força de triunfos alcançados com a prata da casa, que tem registado uma evolução assinalável e nos permite antever um futuro risonho”, acrescenta o líder do emblema albufeirense.

O orgulho é maior “por ver neste equipa de seniores, que conquistou a Taça do Algarve, muitos jogadores que começaram a sua prática desportiva nos iniciados do nosso clube. E na próxima época teremos vários juniores de grande qualidade a quererem discutir um lugar na formação principal.”

Em tempos de crise, Carlos Gabriel elogia “a ajuda dos patrocinadores, peça fundamental em toda esta engrenagem, pois sem a colaboração que nos dão seria impossível mantermos em actividade tanta gente e com tão bons resultados. Esperemos que essa sensibilidade se mantenha e possa estender-se

a outros empresários, pois será a única forma de reunirmos meios para traçarmos metas mais ambiciosas.”

São os patrocinadores, de resto, “a mostrar grande empenho em que no próximo ano cheguemos à 1.ª Divisão, o que seria um feito de monta não apenas para o clube mas também para o futsal do Algarve, que nunca esteve representado nesse patamar. Sabemos das dificuldades da tarefa mas acredito que esta talentosa juventude, quase toda formada no clube, reúne condições para aspirar a algo mais. É uma pena que na passagem de juniores para seniores alguns atletas não possam continuar connosco, pois vão estudar para outras localidades, mas, mesmo assim, temos um bloco muito forte e que irá seguramente crescer e afirmar-se de uma forma mais convicta.”

ORGULHO

Rosa Coutinho, treinador do Albufeira Futsal, ficou satisfeito com o sucesso alcançado. “O desporto por vezes encerra contradições e no ano que pensávamos que seria o mais difícil deste percurso, devido à presença de muita juventude no plantel e à consequente inexperiência, conseguimos rubricar a melhor campanha dos últimos tempos, alcançando tranquilamente a permanência na 2.ª Divisão, com o triunfo na Taça do Algarve a permitir um final em festa”, assinala.

O presidente do clube sonha com a subida ao patamar superior do futsal nacional mas o técnico considera “muito difícil” lá chegar. “Conheço bem a 2.ª Divisão, um campeonato extremamente competitivo, e embora na próxima época só





desça uma equipa, teremos vários adversários poderosos pela frente, a esmagadora maioria dos quais com orçamentos superiores e um campo de recrutamento muito maior. É bom alimentarmos sonhos mas importa estarmos cientes da realidade e das exigências que nos esperam.”

Rosa Coutinho orgulha-se “do trabalho desenvolvido na formação, hoje a base da equipa sénior do Albufeira Futsal, numa aposta que tem dado frutos. Temos um plantel constituído exclusivamente por gente do Algarve e queremos manter essa filosofia, dando passos firmes em frente, na perspectiva de sermos cada vez mais competitivos e capazes. Claro que com um ou dois jogadores vindos de fora poderemos ter outros objectivos, mas vivem-se tempos difíceis, pouco propícios a apostas desse tipo, devido à escassez de recursos.”

Além dos sucessos nos seniores, o Albufeira Futsal foi campeão do Algarve no escalão de juniores e três elementos des-

ta equipa, ainda de primeiro ano, “foram utilizados no Campeonato Nacional da 2.ª Divisão e um deles inclusive fez dois golos. Este é o caminho e acredito que trabalhando melhor este grupo de jovens de grande qualidade dentro de dois ou três anos talvez possamos traçar outras metas, pois gradualmente esta gente nova irá adquirindo a experiência que lhes falta. Há uma boa base para olharmos em frente com optimismo.”

A vitória na Taça do Algarve, perante um adversário dos escalões distritais “era quase que a nossa obrigação, embora importe realçar a qualidade da equipa da Casa do Benfica de Vila Real de Santo António, muito forte nas transições, como ficou provado na parte final do primeiro tempo, em que marcaram dois golos, repondo a igualdade no marcador. Na segunda parte procedemos a alterações e rapidamente conseguimos uma vantagem confortável, que definiu o vencedor.”



TÍTULO PERMITE SALTO PARA NOVO ESCALÃO COMPETITIVO

Ferreiras é campeão do Algarve e sobe ao Campeonato Nacional

Campeão do Algarve pela segunda vez na história, o Futebol Clube de Ferreira poderá entrar na história do novo Campeonato Nacional (que substitui a 2.ª Divisão) como um dos seus primeiros participantes, caso se confirme a presença na prova, algo que ainda não estava confirmado aquando do fecho desta edição, devido aos elevados custos inerentes.

“Já estivemos na 3.ª Divisão mas agora apresenta-se pela frente um degrau mais elevado e há que fazer contas, pois os apoios escasseiam. Temos tentado até aqui – e conseguido – manter as contas do clube equilibradas e queremos que assim continue a suceder, mas a nova prova exige recursos elevados e importa ponderar tudo isso”, assinala António Colaço, presidente do Ferreira.

O líder do emblema do concelho de Albufeira não esconde “o orgulho que representará a participação na nova competição e tudo faremos para que tal aconteça, assinalando a presença do nosso município neste patamar. Para o Algarve também é importante ter mais equipas nos campeonatos nacionais, até por motivos de ordem financeira, pois quantos mais formos, menores os custos. Quero acreditar que vamos conseguir reunir os apoios necessários.”

Em causa estão, sobretudo, “os custos organizativos, pois esses preocupam-nos bem mais que os relativos ao plantel, pois aqui não se registará um agravamento significativo. Se a Federação Portuguesa de Futebol aplicar no novo Campeonato Nacional as mesmas taxas e tabelas utili-

zadas na 2.ª Divisão, muitos clubes passarão por dificuldades, até porque um bom número vem dos escalões distritais para uma realidade bem diferente. Importa atender a tudo isso e ajustar os custos de organização dos jogos e de inscrições – que podem representar entre 20 a 30 mil euros – ao actual contexto económico e às parcas capacidades dos clubes.”

A política desportiva, é um dado seguro, não vai alterar-se. “No Algarve, a generalidade dos clubes trabalha muito bem na formação e dispomos também das nossas escolas. O que temos feito, de há vários anos a esta parte, é o aproveitamento dos jovens que passam pela formação do Ferreira, juntando mais alguns elementos provenientes de conjuntos vizinhos. Há bons valores na região, aos quais importa dar uma oportunidade, no propósito de mostrarem as suas capacidades. Seguiremos nessa linha e, do ponto de vista competitivo, o novo campeonato não nos assusta, pois acreditamos que será possível formar um grupo com condições para rubricar um desempenho positivo.”

Olhando para o que foi a edição 2012/13 do campeonato da 1.ª Divisão da AF Algarve, António Colaço lamenta “o surto de lesões registado na fase inicial do campeonato, que nos custou alguns pontos. Depois, paulatinamente, fomos recuperando terreno e vencemos com toda a justiça, embora seja importante realçar o excelente trabalho realizado por vários clubes, com desempenhos interessantes, valorizando em grande medida o êxito alcançado pelo Ferreira.”

EM CRESCENDO

“O plantel formado no início desta época é o resultado de um trabalho de três anos, acrescentando sempre mais qualidade, e, de início, havia a garantia de dispormos de uma equipa combativa, com argumentos para disputar os três pontos em todos os jogos. Fomos ganhando e isso fez aumentar a confiança e a ambição, com o prémio, de todo justo, do primeiro lugar final”, refere o treinador Ricardo Moreira. Depois de uma primeira volta pouco conseguida, na qual “tivemos alguns problemas de lesões e um ou outro resultado aquém do esperado”, o conjunto impôs-se na segunda metade da prova. “Foi um



F.C. FERREIRA



percurso em crescendo e com uma etapa final de grande qualidade, com apenas dois empates, mostrando o porquê do título e da recuperação que nos permitiu chegar ao topo da classificação”, assinala o responsável técnico do Ferreiras.

Ricardo Moreira elogia a direcção por “oferecer, na medida dos possíveis, e atendendo aos tempos complicados que vivemos, as melhores condições para levarmos a cabo o trabalho proposto. Aqui, o prometido é cumprido e isso confere tranquilidade e segurança a todos. Os jogadores que chegam sabem que o Ferreiras não paga muito, mas fá-lo sempre atempadamente.”

A isso junta-se um parque desportivo “dos melhores do Algarve”, com o treinador a acreditar que o Ferreiras “dispõe de tudo o que é necessário para se afirmar no novo Campeonato Nacional.”



Traquinas e Petizes fazem a festa do futebol

Os mais jovens futebolistas do escalão, dos escalões de Traquinas e Petizes, viveram duas jornadas de festa a 12 e 25 do mês de Maio, em Ferreiras e em Quarteira, com a realização de encontros promovidos pela Associação de Futebol do Algarve, marcados por um salutar convívio e pela forte presença de familiares, conferindo o desejado calor humano a um momento de particular significado para os pequenos atletas.

Tratando-se de escalões não competitivos, os resultados de pouco contavam, pois não havia classificação nem prémios, conforme determinam os regulamentos, o que não impediu o empenho de todos no desejo de fazer o melhor possível em defesa das suas cores, em jornadas marcadas por grande desportivismo e que ficarão, seguramente, guardadas por muito tempo nas memórias destes jogadores de palmo e meio.

Na jornada vivida nas Ferreiras, o Infante de Sagres, emblema representativo dessa terra de tão grande significado na nossa



história, apresentou algo pouco visto: uma menina na baliza. E como ela defendeu! Sem medo da potência dos pontapés dos rapazes, ágil de reflexos e muito segura, a pequena Lia foi uma das estrelas da manhã.

“Tenho 7 anos, frequento a Escola Primária de Vila do Bispo e gosto muito de futebol”, contou-nos Lia, que pratica regularmente futebol no intervalos das aulas e, por isso, já está habituada a defender. “Gosto de estar na baliza e senti-me bem nestes jogos”, dando a conhecer a tradição familiar: “O meu pai foi guarda-redes mas agora só joga nas partidas entre solteiros e casados...”

A guardiã da baliza do Infante de Sagres tem como referência o benfiquista Artur. “Gosto dele, tem umas boas mãos. O campeonato português conta com vários guarda-redes de grande qualidade”, sustenta Lia, que não sabe ainda o que o futuro lhe reserva, no que à prática do futebol diz respeito. “Para já, penso apenas em divertir-me e é muito bom estar junto destes meninos.”

FPF dá a mão ao Silves para recuperar equipamentos

A queda da cobertura das bancadas e de um muro de protecção no estádio Dr. Francisco Vieira, propriedade do Silves Futebol Clube, além de danos no relvado e em outros equipamentos desportivos, levaram o presidente da FPF a disponibilizar-se para minimizar os prejuízos causados pelo tornado que assolou a cidade barlaventina em Novembro de 2012, tendo aquele organismo entregue uma verba de 175 mil euros para o clube algarvio recuperar dos danos decorrentes da catástrofe natural, valor proveniente de um fundo da UEFA destinado a este tipo de ocorrências.

Numa cerimónia que contou com a presença de Fernando Gomes, presidente da FPF, Alves Caetano, presidente da Associação de Futebol do Algarve, Jorge Silva, vice-presidente da Câmara de Silves e Rui Amador, presidente da Comissão Administrativa do Silves FC (num dos seus últimos actos de gestão, pois o clube já elegeu uma direcção, liderada por Tiago Leal) a tónica dominante foi a emoção.

Fernando Gomes afirmou que a FPF cumpriu com muita satisfação a palavra dada no dia seguinte ao tornado e explicou que a ajuda aos clubes é uma obrigação da estrutura federativa. O Presidente da FPF agradeceu ainda a parceria da UEFA no programa de reconstrução.



Taça do Sul procura dinamizar futebol feminino

Com o propósito de reactivar o futebol feminino na nossa região, a Associação de Futebol do Algarve, numa parceria com a Cofihst – gestão desportiva, apostou na Taça do Sul, prova de promoção da modalidade, no sentido de cativar clubes e praticantes, tendo aderido Machados, Montenegro e Silves, numa iniciativa desenvolvida em parceria.

Na década de 80 o Algarve chegou a contar com mais de uma dezena de clubes dedicados à prática do futebol feminino, ten-



do Portimonense e Quarteirense alcançado resultados meritórios em períodos distintos, além de também se registar o envolvimento de meios urbanos mais pequenos, como Odeáxere ou Aljezur.

O entusiasmo de então desvaneceu-se e de há um longo período a esta parte a região não aposta nesta vertente, com a Taça do Sul, que envolveu três jornadas em solo algarvio, a que se seguirá uma fase final com representantes do distrito de Beja, a constituir uma tentativa para quebrar um interregno de décadas.

Disputado na vertente de futebol de sete, o torneio tem contado com a participação de jogadoras de futsal daqueles três clubes, sendo as primeiras ilações extremamente positivas, com encontros animados e competitivos.

Apesar do quadro de crise generalizada não se apresentar com o mais propício para apostas deste cariz, a região dispõe de um potencial humano assinalável e pouco explorado, na vertente feminina, sendo este um primeiro passo para um melhor aproveitamento das jovens algarvias que gostam de futebol.

Importa salientar que, embora não tenhamos competições de futebol feminino nem clubes a praticar a modalidade, uma das melhores jogadoras nacionais, a centro-campista, Cláudia Neto, é algarvia, tendo despontado no futsal do União de Lagos, tal como sucedeu com a guarda-redes Jamila Marreiros. Ambas são internacionais e actuam presentemente no campeonato espanhol, servindo seguramente de referência para muitas das futebolistas da nossa região.



Lusitano alcança terceiro triunfo na Taça do Algarve

O Lusitano Futebol Clube, de Vila Real de Santo António, somou o seu terceiro triunfo na Taça do Algarve, em 14 edições da prova, e passa a ser o emblema com maior número de êxitos, suplantando Portimonense e Esperança de Lagos. Tal como nos dois anteriores sucessos, o conjunto raiano ganhou por 3-0, desta feita diante do Culatrense, que, não obstante os números finais, ofereceu apreciável réplica.

O jogo foi marcado por claro equilíbrio durante mais de uma hora, com escassas - e pouco evidentes - situações de perigo junto das duas balizas. O Lusitano mostrou aqui e acolá um pouco mais de qualidade nas suas acções, mas os ilhéus responderam sempre à altura, graças a uma grande entrega e a uma boa ocupação dos espaços.

Com maior ritmo nas pernas, por força da participação num campeonato mais exigente, a 3.ª Divisão (prova que conhece a sua última edição esta época), a equipa de Vila Real de Santo António acabou por fazer a diferença na ponta final da partida. Mustafá cometeu falta sobre Cristiano Pires, na grande área, e Júlio Madeira converteu a grande penalidade, dando vantagem ao Lusitano. O Culatrense adiantou um pouco as suas linhas, em busca do empate, e viria a ser surpreendido em transições rápidas, com o resultado final a mostrar-se claramente exagerado, em função do que foi o jogo.

Nota para a presença de uma larga falange de apoio da equipa da ilha da Culatra, que conferiu à final da Taça do Algarve um saudável ambiente de festa. O Culatrense perdeu a segunda final da sua história mas deixou uma excelente impressão, perante um Lusitano que mantém a sua veia goleadora - campeão do Algarve na época passada e vencedor da Supertaça em Novembro último, soma agora mais um troféu.

DEDICAÇÃO

Miguel Vairinhos, presidente do Lusitano, realça "o trabalho e a dedicação deste grupo, pois só dessa forma se conseguem êxitos", deixando palavras elogiosas aos jogadores formados no clube. "O segundo golo foi marcado por um júnior e temos outros jovens à aparecer, numa política de aposta na gente da terra, que tem qualidade e merece oportunidades."

O Lusitano coloca-se agora em posição privilegiada para levar para a sua sala de troféus a valiosa Taça do Algarve, a qual será entregue ao clube que somar três triunfos seguidos ou cinco alternados. "Procuramos fazer o melhor em cada jogo e, atingida a final, o propósito passava por ganhar. Conseguimos o objectivo e na próxima edição da prova veremos até onde poderemos chegar."



O Culatrense “foi um adversário muito digno e está de parabéns pela atitude demonstrada e pelo muito público que trouxe consigo, numa bonita festa do futebol. O resultado final peca por algum exagero, embora não esteja em causa a justiça do nosso triunfo, pois, nos momentos decisivos, mostrámos melhores argumentos.”

Na próxima temporada, e por força das alterações nos quadros competitivos do futebol nacional, o Lusitano regressa aos distritais. “Não estão previstas muitas alterações na equipa e sabemos que seremos sempre candidatos aos lugares da frente mas não há nenhuma obsessão pela subida. Se isso acontecer, melhor, mas se não acontecer seguiremos o nosso caminho. Considero que do distrital para o novo campeonato nacional é um salto muito grande e os clubes, a viverem todos com grandes



problemas financeiros, terão de ponderar bem se essa é uma aposta válida e serve, ou não, os seus interesses.”

GENTE DA CASA

O técnico Ivo Soares ficou “muito feliz” com o sucesso alcançado no Estádio Algarve, numa época “complicada para nós, por força das limitações existentes, em particular no que concerne à inexistência de apoios suficientes para abraçarmos o projecto da 3.ª Divisão com outros objectivos. Sabemos que trabalhamos bem, acreditamos no nosso valor, mas não dispomos dos argumentos que vários adversários apresentam.”

O treinador sente “muito orgulho em orientar uma equipa constituída em 95% por elementos formados no clube e ainda nesta final tivemos um júnior a marcar um golo. Em Vila Real de Santo António, e nos tempos mais próximos, o caminho terá de ser por aqui, pois não me parece que possa haver uma alteração substancial do quadro presente, para pensarmos noutros voos.” Na final da Taça do Algarve, “o objectivo era ganhar e a mensagem passou para o grupo, que, não fazendo um jogo particularmente bonito, teve um desempenho consciente, focado sempre no que era mais importante. Na fase decisiva da partida mostrámos melhores argumentos e vencemos com justiça.”

FICHA DO JOGO

Estádio Algarve

Árbitro: Nuno Ferreira

Auxiliares: Cristiano Pires e Marcos Brazão

4.º árbitro: Jorge Nunes

LUSITANO – João Azul; Ricardo Maia, Ricardo Piloto, Hélder Bartolomeu e Luís Firmino; Nuno Silva, Júlio Madeira e Vitinha (Daniel Pescada, 90'+3); João Silva (Marco Nuno, 61'), Cristiano Pires e Ricardo Calvinho (Tiago Pulido, 82')

Treinador: Ivo Soares

CULATRENSE – Edgar; Guilherme, Libânio, Augusto e Rui; Bentinho (David, 72'), Mustafá (Cubata, 79'), Jaime e Ricardo; Nuno (André, 63') e Paim

Treinador: Nuno Sousa

Ao intervalo: 0-0.

Marcadores: Júlio Madeira (72', g.p.), Tiago Pulido (87') e Vitinha (90'+1)

Disciplina: cartam amarelo a Vitinha (55'), Libânio (69'), Mustafá (71'), Nuno Silva (81') e Ricardo Calvinho (82')

AS FINAIS

2000	PORTIMONENSE-Quarteirense, 1-0
2001	LUSITANO VRSA-Silves, 3-0
2002	LUSITANO VRSA-Padernense, 3-0
2003	ALVORENSE-Beira Mar Monte Gordo, 1-1 (4-2, g.p.)
2004	GUIA-Faro e Benfica, 2-0
2005	ESPERANÇA DE LAGOS-Culatrense, 3-3 (3-2, g.p.)
2006	CAMPINENSE-Ferreiras, 4-4 (5-3, g.p.)
2007	PORTIMONENSE-Louletano, 3-1
2008	MESSINENSE-Alvorense, 2-1 (a.p.)
2009	ESPERANÇA DE LAGOS-Imortal, 1-1 (3-1 g.p.)
2010	LAGOA-Farense, 1-0
2011	SILVES-Quarteira, 3-1
2012	LOULETANO-Ferreiras, 2-0
2013	LUSITANO VRSA-Culatrense, 3-0

Futsal: as leis do jogo

Por António Pincho Correia

LEI 9 - BOLA EM JOGO E BOLA FORA

BOLA FORA DE JOGO

A bola está fora de jogo quando:

- atravessar completamente a linha de baliza ou a linha lateral, quer junto ao solo quer pelo ar;
- o jogo seja interrompido pelos árbitros;
- toque no tecto.

BOLA EM JOGO

A bola está em jogo em todas as outras situações, inclusive quando:

- ressaltar após ter embatido no poste ou na barra transversal da baliza e permanecer na superfície de jogo;
- ressaltar após ter tocado num dos árbitros quando este se encontra dentro da superfície de jogo.

RECINTO FECHADO

A altura mínima do tecto deve ser de 4 metros e é estipulado nas regras da competição.

Está determinado que sempre que a bola impacta em algo, posicionado num plano elevado, sobre a superfície de jogo, seja no tecto ou em qualquer outro local ou objeto, o consequente recomeço será feito com um pontapé de linha lateral, pela equipa adversária do jogador que havia tocado a bola, em último lugar.

O pontapé de linha lateral será executado no ponto mais próximo do local onde a bola tocou no tecto.

Quando existirem apanha-bolas, os mesmos devem colocar a bola ao alcance do jogador encarregue do recomeço do jogo, próximo desse local.



Francisco, o novo Papa entusiasta do futebol

O Cardeal de Buenos Aires, o argentino Mário Jorge Bergoglio, foi eleito Chefe Supremo da Igreja Católica Romana, adoptando pela primeira vez no historial do pontífices, desde São Pedro, o nome de Francisco, na lembrança de dois grandes santos homónimos – São Francisco de Assis, o irmão da fraternidade e da paz, e São Francisco Xavier, o “Apóstolo das Índias”. Jesuíta, entrou na carreira eclesiástica após concluir engenharia química e revelou-se sempre um acérrimo defensor dos pobres, dos humildes e dos injustiçados.

Para nós um facto se revela como altamente significativo: a sua admiração e entusiasmo pelo futebol na sua pureza, autenticidade e abraço conciliador entre os homens.

Oriundo dessa grande potência do futebol mundial que é a Argentina, pátria de nomes sobejamente conhecidos como Diego Maradona e Lionel Messi, Francisco I foi praticante da modalidade e desde bem jovem entusiasta e socio, o n.º 8235, do famoso San Lorenzo de Almagro, que foi considerada “a melhor equipa do Mundo”, vindo nos anos 40 ganhar à Selecção de Portugal por 10-4 e provocando a chegada até nós de muitos jogadores argentino (Forneri, Di Pace, Di Paola... até à actualidade) e havendo, ao que consta, inspirado o ex-técnico do Barcelona, Guardiola, no chamado “tiki-taka”.

Com os votos de um feliz pontificado a bem do Mundo e dos Homens (“Urbi et Orbi”), o nosso regozijo por termos um adepto do futebol na chefia da Igreja Católica!



“E depois do adeus?”

Não, não nos queremos referir à canção interpretada por Paulo de Carvalho e que ficará para a história de Portugal como uma das senhas da Revolução do 25 de Abril... Queremos sim reafirmar a preocupação, desde sempre expressa e prosseguida, do que acontece, do que tem sucedido e daquilo que persistirá como um dos grandes dramas a muitos milhares de jovens portugueses, tal como e indesejavelmente por toda a parte onde o futebol se pratica com carácter profissional, tantas vezes camuflado nesse “fantasiado” part-time.

É que “E depois do adeus” à prática futebolística pelas mais diversificadas razões (acidentes, lesões, problemas físicos, como o que sucedeu recentemente ao benfiquista Fábio Faria, ausência de meios financeiros para os clubes contratantes lhes pagarem o estipulado, carreiras que muito prometiam e se não concretizaram, etc., etc.), o que acontece?

Dobrado o cabo dos trinta anos de idade, afastando-se desta triste realidade, porque o problema é mesmo verdadeiro e dramático, e à parte aqueles que atingiram uma maior noto-

riedade e bons proventos, para além de uma cuidada e segura aplicação dos mesmos, resta-nos, em cada época, uma legião, de sul a norte, de futebolistas que não têm preparação para outro desempenho profissional, nunca por tal enveredaram e se vêem, sobretudo nesta fase da vida portuguesa em que o malfadado desemprego se situa nos 20%, com uma maior afectação no escalão etário jovem, num quadro de todo problemático.

À data em que escrevemos este apontamento a imprensa noticiava a identificação pela Divisão de Investigação Criminal da PSP de onze futebolistas (oito guineenses e três portugueses) alegadamente envolvidos em 50 roubos violentos e que na sua grande maioria se encontravam à experiência em clubes da Grande Lisboa, bem como o jovem Semba Seidi, de 19 anos, da Naval 1.º de Maio.

Esta é apenas uma das muitas e muitas histórias que se enquadram bem e antecipadamente na interrogação dramática: “E depois do adeus?”

José Manuel Reis, uma vida dedicada a servir o futebol algarvio

Cada vez se reduz mais o edifício do nosso culto afectivo, pelo desaparecimento de tantas referências que nos são queridas, e cresce, de forma indesejável, o templo da saudade em que vivificam a memória desses mesmos seres. É o quotidiano que, com particular acuidade nesta etapa da vida o vivemos, nos açoita com contornos avassaladores. Há dias foi-o com a morte, após doloroso sofrimento, de um companheiro dilecto destas andanças do futebol de mais de meio século que esmaltam grande parte do nosso viver.

José Manuel Reis, para toda a tribo do futebol, não apenas do Algarve mas do país, o “Zé Manel da Associação”, mesmo quando dela afastado, deixou-nos no mês de Abril, em que se reassumem ideais que ele tanto professava.

Natural de Vila Real de Santo António mas desde menino e moço residente em Faro, cidade que amava verdadeiramente como sua autêntica terra-mãe, onde foi pupilo do Instituto D. Francisco Gomes (Casa dos Rapazes), bem jovem o vimos labutando pela vida na então Associação de Futebol de Faro, actual Associação de Futebol do Algarve. Eram os tempos do “chefe” Valêncio Bexiga, do sr. Ponce, do João Varela (que é feito de ti, companheiro?) e de vários directores que por ali passaram, entre os quais recordo, por havermos feito parte dessas equipas dirigentes, os saudosos médicos Uva Sancho e Francisco Delfino.

José Manuel Reis, que nos deixou aos 70 anos, foi “pau para toda a obra”, desde a parte administrativa/burocrática à organização dos jogos, numa vida inteiramente dedicada a servir o futebol algarvio, fosse-o na posição alcançada, com todo o mérito, de secretário-permanente da Associação de Futebol do Algarve ou de secretário-técnico do Farense, Padernense e Ferreiras.

Tinha o seu modo próprio de ser e de estar na vida, esse ADN de presença e vivência que é matriz identificativa de cada um de nós, mas tudo de si deu em prol da causa futebolística regional.

Distinguido pela então Secretaria de Estado dos Desportos e pela Câmara Municipal de Faro (Medalha de Valor Desportivo – Grau Prata, em 2006), era, pode afirmar-se, o “Senhor Futebol”, pela simbiose acontecida e assumida entre o saudoso “Zé Manel” e o Desporto-Rei.

Tantas e tantas recordações perpassam nesta hora em que escrevemos e o seu corpo percorre o caminho desde a Igreja de S. Luís, em Faro, ali paredes meias com o ginásio-sede do mais representativo clube da capital sulina, o Farense, até ao crema-

tório de Ferreira do Alentejo, onde foi cremado. Quem esquece, por exemplo, aquela romagem/peregrinação realizada a pé entre Faro e Ayamonte, mais de 60 quilómetros, juntamente com essa incontornável figura do futebol farense que foi o jogador/treinador catalão Paco Fortes, para cumprir a promessa feita pela manutenção do Farense na Divisão Maior!

José Manuel Reis, uma vida dedicada por inteiro e em plenitude ao futebol algarvio, deixou-nos! Que na paz de Deus descanse quem na vida tantas batalhas travou!



Morreu o jornalista Marcelino Viegas, grande servidor do futebol algarvio

Foi nos alvares de uma nova Primavera, pronta a despontar nos calendários, que, em pleno Hospital de Faro, nos deixou para todo o sempre o José Marcelino Afonso Viegas, um dos nomes maiores do jornalismo desportivo contemporâneo algarvio. País fora, especialmente em todo o Algarve, das rútilas areias à xistosa serra, que, nos meios do desporto e mesmo fora dele, não conhecia o Marcelino Viegas?

Natural de São Brás de Alportel, onde em plena serra, a caminho do Barranco do Velho, nascera há 71 anos, radicado em Faro desde os tempos de imberbe moço de dez anos, quando viera estudar para a Escola Tomás Cabreira, frequentando mais tarde a Escola do Magistério Primário, dividiu a sua vida profissional entre a actividade bancária, de que a comunicação social o fez, de algum modo, afastar, e o jornalismo.

Unia-nos uma sólida, leal e afectiva amizade de cerca de seis décadas, pois que viera morar para o nosso bairro, a Ribeira, e trilhámos muitos caminhos juntos.

Padecendo desde há anos de grave enfermidade, que motivara a sua cegueira, não obstante as diversas intervenções cirúrgicas realizadas, Marcelino Viegas deu tudo de si pelos jornais e de modo muito íntimo no que ao futebol se referia. Foi acompanhando equipas algarvias ou participando em eventos desportivos que se deslocou mundo fora (Espanha, Brasil, França, Angola, etc.), muitas das vezes como enviado especial do diário "A Bola", de que foi redactor no Algarve durante muitos anos.

Deixou a sua colaboração dispersa por dezenas de órgãos informativos, para além daquele prestigiado jornal desportivo, citando-se entre outros a RDP/Rádio Algarve, Rádio Clube do Sul, Jornal de Notícias, Jornal do Algarve, o Algarve, A Avezinha e muitos outros.

A Associação de Futebol do Algarve distinguiu-o com a "Placa de Mérito" em cerimónia realizada no Estádio Algarve, a 25 de Abril de 2007, agradecendo "a um dos seus o labor de há longo tempo desenvolvido na promoção e divulgação da modalidade... o que faz de si uma referência e um exemplo." Este mesmo honrado gesto do órgão máximo do futebol algarvio voltaria a acontecer nessa memorável, fraterna e solidária jornada que ocorreu a 3 de Março de 2011 e onde desde o Governo Civil, às autarquias (São Brás de Alportel, Faro e Loulé), associações e clubes desportivos, órgãos de comunicação social e tantos outros disseram: "Obrigado, Marcelino!". O seu funeral, que se efectuou da Igreja dos Capuchos para



o Cemitério da Esperança, em Faro, constituiu sentida manifestação de pesar e nela a Associação de Futebol do Algarve esteve representada pelo seu dirigente e responsável pela Arbitragem, António Coelho Matos.



João Leal

Jornalista, professor e ex-dirigente da AF Algarve

Do jogo da bola às Ciências do Desporto

- uma visão histórica sobre a evolução do futebol -

PARTE VIII

Existe uma conexão entre os impulsos instintivos de movimento, de jogo e de luta que explica a tendência natural para as práticas desportivas. À medida que o homem cresce mudam as suas motivações, donde se pode estabelecer uma diferença entre as práticas desportivas emanadas da tendência instintiva natural, e aquelas condicionadas por razões históricas, culturais e tradicionais.

*Friedrich Eppensteiner
(1973)*

1. Nas duas últimas revistas da «AFALGARVE» realizamos distintas viagens históricas às raízes da fase de pré implementação do «jogo da bola» em Portugal, recordando acontecimentos, actores e contextos. A primeira para Sul (Barreiro, Setúbal, Évora e Faro) e a segunda para Norte (Coimbra e Porto), com os destinos a acontecerem em Huelva e Bilbao, respectivamente, por estas cidades espanholas serem consideradas duas das principais portas por onde entrou o futebol moderno naquele País, permitindo-nos identificar semelhanças e diferenças entre os dois povos ibéricos e, ainda, entre as diferentes regiões.

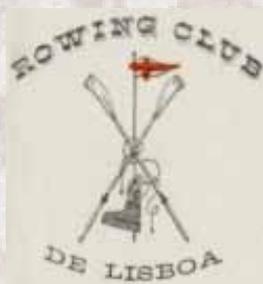


Ambas as viagens foram iniciadas em Lisboa, uma vez que se reconhece e aceita que foi na capital, mais propriamente na Freguesia de Santa Maria de Belém, que se deram os primeiros passos no processo de institucionalização do Desporto Português, desde logo com a fundação da **Real Associação**

Naval, em **30 de Abril de 1856** (fez recentemente cento e cinquenta e sete anos de existência), sendo considerado o clube náutico mais antigo de Portugal e da Península Ibérica, e um dos mais antigos do mundo.

Embora a sua constituição tenha estado ligada à dinâmica das regatas de vela e de remo, emergentes das actividades da pesca e dos transportes que diariamente aconteciam no Rio Tejo, o seu principal objectivo passou a ser o de proporcionar o divertimento através da organização de regatas em Portugal. Daí este primeiro exemplo de modelo de estrutura estar na origem do movimento associativo desportivo nacional, uma vez que outros seguiram no mesmo sentido. Em 1862, por iniciativa de um grupo de cidadãos ingleses e de alguns elementos da família Pinto Basto, é fundado o **Clube de Remeiros Lusitano**, seguindo-se, no mesmo ano, a constituição do **Tagus Rowing Club**, por iniciativa da comunidade alemã a viver entre nós.





A par da existência destes dois clubes náuticos seguiu-se a construção das guigas de oito remos. Mas, devido a problemas financeiros, estes dois clubes acabariam por fundir-se em 1873, mudando o nome para **Rowing Club de Lisboa**. Em 12 de Outubro de 1890 uma Comissão liderada por Frederico Burnay organiza uma Regata na Trafaria (Almada) que iria transformar o **Rowing Club de Lisboa** no **Clube**

Naval de Lisboa, a partir de Novembro de 1891. Porém, os seus estatutos só seriam aprovados em 27 de Janeiro de 1892.

Recuperando o desiderato do divertimento e da actividade física/desportiva, estes conceitos começaram a ser interiorizados pelos lisboetas através dos espectáculos circenses a partir de 1829, por efeito da exibição de uma companhia de Ginástica e Acrobacia, designada por Companhia de Circo, dirigida por D. José de Steffani, auto-intitulado "professor privilegiado e pensionado por Sua Majestade El Rei da Prússia na arte e escola ginástica". Steffani escolheu o **Teatro de São Carlos**, inaugurado em 30 de Julho de 1793 pela Rainha D. Maria I (1734-1816), para exibir os seus espectáculos em substituição da Praça do Salitre, onde decorria um programa de touradas.



Estes acontecimentos que Lisboa e os lisboetas tinham o privilégio e o interesse em observar, pelas múltiplas magias que transmitiam, não eram organizados com regularidade. Mas, sempre que tais programas tinham lugar, eles despertavam grande

curiosidade e o desejo que sentiam de imitar aqueles homens musculados e ágeis. Perante este fenómeno social poder-se-á dizer que foi pela imitação das virtudes circenses que havia de começar a ginástica em Portugal.

Indutivo deste processo, se considera que os espectáculos circenses, marcados por números de destreza, força, elasticidade e agilidade dos seus executantes, pondo em interacção expressões atléticas e estéticas, funcionavam, em simultâneo, como divertimento e como promoção de uma prática junto da população que se deixava contagiar por aquela mágica mistura. Esta abundância de possibilidades é o sintoma mais característico da vida pujante que a actividade física e desportiva encerra.

Assim, se os pressupostos históricos apontam o Circo como sendo



a primeira estrutura de acolhimento daqueles que queriam dedicar-se à prática desportiva, foi o clube que lhe deu continuidade. Deste modo, duas décadas depois da fundação do primeiro clube português (RAN), inicia-se, em **18 de Março de 1875**, nova caminhada associativa com a fundação do **Ginásio Clube Português**, por Luís Maria de Lima da Costa



Monteiro (1843-1893) e mais vinte e quatro amigos amantes da ginástica acrobática, num pequeno e velho palacete da Carreirinha do Socorro, em Lisboa. Um ano depois (1876) inicia-se, com regularidade, a ginástica pedagógica e decorridos mais dois anos (1878), o Rei D. Luís I (1838-1889) pede ao Ginásio Clube Português e a Luís Monteiro para instalarem no Palácio Real da Ajuda um pequeno ginásio para os seus filhos, D. Carlos (1863-1908) e D. Afonso (1865-1920). Em 1882, o Rei e o Governo outorgam ao Ginásio Clube

Português o título de "REAL", passando este a designar-se por **Real Gymnásio Clube Português**.

Nesse mesmo ano o RGCP promove uma grande festa de propaganda para a colecta de fundos destinados à obra do **Coliseu dos Recreios**, em Lisboa, associando-se à ousadia de quatro empresários lisboetas (o solicitador José Frederico Ciríaco, o professor de filosofia Pedro António Monteiro, o dono de armazéns António Caetano Macieira e o comerciante de carnes João Batista de Almeida), que tiveram a ideia de construir o maior dos edifícios que houvesse no mundo no campo dos espectáculos, com capacidade para quatro mil lugares. Este exemplo, associado a outras festas desportivas organizadas como meio de propaganda das diferentes modalidades da época, traduzia a dimensão humanista, generosa e filantrópica dos seus atletas e dirigentes.



Em 1889, o RGCP cria a sua Secção Naval, com quarenta e cinco atletas, provida de guigas e outros barcos postos à sua disposição pelo Rei, e forma a primeira equipa de futebol de clube a fazê-lo formalmente em jogo de apresentação realizado no Campo Pequeno, para além de ter contribuído para a correcta divulgação do jogo com a publicação das Leis, traduzidas do inglês pelos associados Carlos Xafredo e Ricardo Oakley.

O seu primeiro grande resultado desportivo aconteceu através do ginasta João Possolo, medalha de ouro na Barra Fixa no **Festival Internacional de Badajoz**, realizado nas tardes dos dias 21 e 22.Ago.1892, na Praça de Touros daquela cidade, organizado pelo Gran Gimnásio de Badajoz, instituição a caracterizar no último ponto deste texto.

Com o aparecimento desta nova estrutura associativa, coroa de glória de Luís Monteiro, dava-se início, no terceiro quartel do século XIX, ao





lançamento do movimento gímico português, influenciado, também, pelo avanço que se ia fazendo sentir na Europa, mais acentuadamente na Alemanha e na Suécia, por efeito de Friederich Ludwing Jahn (1778-1852) e Per Henrick Ling (1776-1839), respectivamente.

Presentemente, com cento e trinta e oito anos de existência, o Ginásio Clube Português, com cerca de dez mil sócios e de sete mil e quinhentos praticantes, distribuídos por cerca de cinquenta actividades diferentes, é o clube mais ecléctico do País e um dos mais antigos do mundo.

2. Depois do ensaio de Cascais, considerado o primeiro jogo público de demonstração do futebol em Portugal, iniciativa atribuída aos irmãos Eduardo, Frederico e Guilherme Pinto Basto, e organizado no Campo da Parada, em Cascais, num domingo de Outubro de 1888, outros se seguiram estruturados a partir de grupos de amigos e/ou grupos de familiares que viram no simples gesto de pontapear uma bola um impulso lúdico que acharam interessante. Mas o domingo, 22 de Janeiro de 1889, é considerado o dia do primeiro jogo de futebol em Portugal, disputado nos amplos terrenos do Campo Pequeno, considerados, praticamente,



arrabalde de Lisboa, espaço de hortas e lugar de piqueniques. Independentemente das dúvidas que esta afirmação pode suscitar no quadro da historiografia cronológica e dos locais do arranque do futebol nacional, é de referir o que consta na lápide descerrada em 1964, na Quinta do Bonjardino, em Venda Seca, Belas, por Stanley Ford Rous (1895-1986), o 6.º presidente da FIFA entre

1961/1974, no âmbito das comemorações das bodas de ouro da Federação Portuguesa de Futebol. Diz a placa que, "em Setembro de 1888, naquele sítio, foi travado o primeiro encontro de futebol realizado em Portugal".

Será que este registo está relacionado com a realização de alguns jogos de aprendizagem, efectuados aos domingos pelos praticantes-pioneiros, os irmãos Pinto Basto e outros membros da sua família e vários amigos, na Quinta da Fronteira, na vila de Belas?

O que se sabe é que foi nesta vila, da região de Sintra, que em 1902 é fundado o **Belas Football Clube**, parente remoto do Sporting Clube de Portugal. A iniciativa é atribuída aos irmãos Francisco e José Maria Gavazzo que, em 1904, depois de um jogo entre o Belas FC e o Sport Lisboa, e mais alguns dos sócios fundadores, decidem criar o **Campo Grande Football Clube**. Esta nova associação, que incluía a designação de futebol no seu nome, dedicava-se especialmente a festas, bailes e piqueniques. Na Assembleia



Geral realizada em 13.Abr.1906, e por efeito de algumas divergências quanto à sua principal vocação, levaram a que cinco membros deste clube manifestassem intenção de formar um outro clube, entre eles José Alvalade (1885-1918), neto do Visconde de Alvalade. A Assembleia Geral de 08.Mai.1906, convocada para a eleição do Presidente da Direcção do novo clube, ainda sem nome, a escolha recaiu no Dr. Alfredo Augusto das Neves Holtreman (Visconde de Alvalade). Em 26.Mai.1906 foi adoptado o nome de **Campo Grande Sporting Clube**. Mas, a **01 de Julho de 1906**, por sugestão de António Félix da Costa Júnior, a terceira Assembleia Geral aprovou a alteração definitiva para **Sporting Clube de Portugal**, sendo esta a data que ficou gravada como a da fundação oficial do clube.



Mas a associação mais antiga desta região dá pelo nome de **Sociedade União 1º de Dezembro**, sediada na Av. Conde Sucena, 1, Freguesia de S. Pedro de Penaferrim, Concelho de Sintra, Distrito de Lisboa. Foi fundada no dia **1 de Dezembro de 1880**, sob foral do então Rei D. Carlos I (1863-1908), penúltimo Rei de Portugal, tendo como cor da bandeira o azul, símbolo marcante da monarquia.

O acto de escritura foi celebrado somente a 6 de Agosto de 1883 e, simultaneamente, adquirida a sede da Sociedade, na Rua 1.º de Dezembro, pela quantia de quatrocentos mil réis. Os fins desta Sociedade, à data da sua constituição, eram os de dedicar-se à instrução e ao recreio, através da música, de bailes, de récitas e de outras actividades culturais e recreativas. É de referir que até ao ano de 1920 a Sociedade tinha uma magnífica banda de música designada por **Real Filarmónica da Sociedade União 1º de Dezembro** que abrilhantava os bailes da sociedade, ponto de encontro da sua actividade social. Mudaram-se os

tempos e mudaram-se as vontades e «Os Papo-Secos», assim se designavam os associados do Clube, resolveram extinguir a Filarmónica ficando somente com um pequeno grupo musical para animar os bailes da Sociedade.

Por volta do ano de 1934, um grupo de jovens denominado de «Os Terríveis», que se dedicavam à prática de vários desportos como o ténis de mesa, o ciclismo e o futebol, debatia-se com grandes dificuldades financeiras para manter activa a sua prática desportiva. No ano seguinte (1935), a direcção propôs a sua integração na Sociedade com a criação da sua secção desportiva que desde logo obteve assinaláveis êxitos desportivos.

Resultante da referida fusão e dada a necessidade de expandir a actividade desportiva, o então 2.º Conde de Sucena [José Rodrigues de Sucena (1850-1952) que era possuidor de valiosas propriedades entre as quais o Palácio Foz, em Lisboa, e o Palácio de Seteais, em Sintra] doou, naquele ano, os terrenos onde está inserido o Parque de Jogos do Clube, e que foi baptizado com o seu nome - «Campo Conde de Sucena».





A 6 de Abril de 1938, a SU1ºD foi inscrita na modalidade de futebol na Associação de Futebol de Lisboa e em 1995 a sua acção foi alargada ao futebol feminino. É de relevar que o 1º Dezembro



é dos poucos clubes portugueses que mantém em actividade desportiva o futebol em todas as categorias – masculinos e femininos.

No seu já longo historial, o Clube orgulha-se de ter obtido vários títulos na modalidade de futebol em todas as categorias. No futebol sénior masculino, são de realçar os resultados desportivos obtidos na época de 2001/02 com a conquista da Taça da Associação de Futebol de Lisboa. Na época seguinte (2002/03), o Clube subiu à 3.ª Divisão Nacional e em 2003/04 atingiu a quarta eliminatória da Taça de Portugal, considerado o melhor resultado de sempre a nível da região de Sintra, tendo sido eliminado pelo Sporting Clube de Portugal, por 2/0, em jogo realizado no dia 23 de Novembro de 2003. Na época 2010/11, o clube subiu à 2.ª Divisão B, tendo terminado em 6.º lugar na presente temporada de 2012/13.

No futebol sénior feminino, o palmarés do Clube é invejável dado o facto de ter conquistado por doze vezes o título de Campeão Nacional, o primeiro na época 1999/2000 e os restantes entre 2001/12. Na Taça de Portugal são já sete os troféus conquistados, o primeiro na época 2003/04, superando o Sport Marítimo Murtoense (Murtosa/Aveiro) por 6/0, em



Abrantes, no dia 06 de Junho de 2004, e os seguintes entre as épocas 2005/06 e 2011/12.

Em representação de Portugal, participou nas últimas três épocas nas fases de apuramento (Ronda de Qualificação) na UEFA Women's Cup, em 2010/11 (Grupo F), em

2011/12 (Grupo 2) e em 2012/13 (Grupo 3).

3. Depois de uma pequena resenha histórica sobre a dinâmica criada em torno da componente lúdica e/ou desportiva vivida pelos lisboetas depois da segunda metade do século XIX, em particular pela juventude da época, traduzida nos diferentes ensaios e experiências práticas ligadas às actividades



náuticas, circenses, gímnicas e esgrimistas, tauromaquias, jogo do pau e da bola, para além do interesse pelas artes do teatro e da música, dos bailes e dos piqueniques, estas acabariam por criar as suas próprias raízes transformando-se paulatinamente

numa moda sociocultural.

Seguindo a mesma metodologia das narrativas apresentadas nas duas revistas anteriores, decidimos fazer uma nova viagem à Estremadura espanhola, no caso particular à cidade de Badajoz, dando conta dos elementos históricos que nos ajudem a compreender a dinâmica local do seu processo socio-desportivo.

Com efeito, as origens da prática e consequente ensino da actividade gímnica naquela cidade estão intimamente ligadas com a chegada a esta localidade da Estremadura espanhola, em 1868, de um modesto artista de circo francês de nome Daniel, levando à fundação do **Grande Ginásio de Badajoz**. As suas actividades iniciaram-se nas instalações da Calle de San Blas, no gaveto da Calle de Arco-Agüero, passando depois, sucessivamente, para a Praça de Touros, para a Calle del Álamo e, ainda, para a Calle de Chapín n.º 18, tendo agora como responsável técnico **Luciano Sampérez Arroyo**, um professor aprovado pelo francês, e onde tiveram início, também, os bailes públicos.



E foi com estas duas práticas que a Sociedade transitou para as instalações da Calle San Sisenando, inauguradas em 18.Ago.1889 com a realização de um grandioso Festival Ginástico, que contou com mais de quatrocentos espectadores e setenta ginastas com idades compreendidas entre os sete e os vinte anos.



Este novo edifício, com extraordinárias condições técnicas, com uma fachada de dezassete metros e meio, com três portas principais e quatro janelas, foi considerado, à época, um espaço grandioso, em comparação com outros ginásios existentes em cidades mais importantes que Badajoz. A sala de exercícios media duzentos e vinte e cinco m², com quatro galerias de quatro metros de altura, um pátio central com oitenta e oito m² e quinze metros de altura, coberto por uma estrutura de ferro e cristal. Possuía todos os aparelhos necessários para a ginástica moderna, assim como para a ginástica ortopédica e para a artística, e ainda uma sala de esgrima devidamente equipada.

Mas sobre o francês Daniel, precursor do ensino da ginástica em Badajoz, corria então o ano de 1868, pouco se sabe. Apenas o jornal La Crónica, na sua edição de 18 de Janeiro desse ano, na secção de anúncios, divulgava o seguinte: "Aos pais de família – ginástica ortopédica e higiénica, Calle Arco-Agüero, 21 – Acaba de se inaugurar na morada acima uma academia de ginástica dirigida segundo o método do coronel Amores. Será inútil falar das grandes vantagens destas academias, onde se desenvolvem as forças da juventude. As práticas têm lugar todos os dias, entre as quatro e as seis da tarde. As classes para meninos são às 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs. feiras. As classes para meninas, são às 3.ªs, 5.ªs e sábados. Preço; 20 réis, adiantados. De referir que este anúncio foi repetido, várias vezes, ao longo desse ano.

A indicação do nome de "coronel Amores", no anúncio, certamente queria referir-se ao coronel Francisco Amorós y Ondeano (1770-1848), um militar espanhol nascido em Valência, tendo morrido em Paris em 1848. Francisco Amorós foi encar-





regado pelo Rei Carlos IV (1748-1819), por influência de Manuel Godoy (1767-1851) [este natural de Badajoz e que aos vinte e cinco anos de idade seria nomeado Primeiro Ministro do Estado Espanhol (15.Nov.1792)] de organizar uma instituição militar em Madrid, segundo o método do pedagogo suíço Johann Pestalozzi (1746-1827). Francisco Amorós, afrancesado, ocupou importantes cargos com o Rei José I (1768-1844), irmão mais velho de Napoleão Bonaparte (1769-1821), nomeado Rei de Espanha e de Nápoles, entre 1808/1813, após a proclamação do Império Francês. Depois de acabar a Guerra da Independência (1814) Amorós exilou-se em França, estabelecendo-se em Paris, onde criou o ensino da ginástica racional e prática. Por esse facto, o Governo Francês lhe confiou em 1818 a direcção do Ginásio Militar, dando origem à ginástica ecléctica, uma mistura das ideias dos alemães Johann Guts Muths (1759-1839) e Friedrich Ludwing Jahn (1778-1852), já referido anteriormente.



A emergência da sua filosofia dava maior atenção à resistência à fadiga, bem como ao saltar em profundidade, extensão e altura, com ou sem ajuda de materiais; ao andar e correr em terrenos fáceis ou difíceis; às lutas de diferentes estilos; ao equilíbrio em traves fixas e ao transpor obstáculos; ao subir com auxílio de corda com nós ou lisa, fixa ou móvel; à suspensão pelos braços; à esgrima e a todos os exercícios aplicáveis ao universo das situações de guerra.

É então de considerar, como uma forte possibilidade, que o iniciador da ginástica em Badajoz – Daniel – tenha sido discípulo de Francisco Amorós ou que, pelo menos, conhecia o seu método pedagógico.

Graças à energia do director e responsável técnico do **Gran Gimnasio de Badajoz** – Luciano Sampérez – este, na sequência de sucessivos êxitos contabilizados nas diferentes apresentações gímnicas dos seus atletas, e à forte adesão do público em cada uma das suas exibições, decide levar por diante a organização do **I Certame Gimnástico Internacional**, a incluir no programa das grandes festas na cidade por ocasião das **Celebrações do IV Centenário do Descobrimento da América**, como meio de promover a expedição comandada por Cristóvão Colombo (1451-1506), em 1492.

Assim, agenda para os dias 21 e 22.Ago.1892, a realização do referido Certame Gimnástico Internacional, a ter lugar na Praça de Touros da cidade, convidando, para o efeito, quatro clubes portugueses, a saber: Real Gimnasio Clube Português (Lisboa; com 3 atletas), Grémio Comercial de Lisboa (Lisboa; com 3 atletas), Club Gimnasio de Coimbra (Coimbra; com 5 atletas) e Gimnasio Laurent (Porto; com 18 atletas), para além da equipa anfitriã, com 80 atletas. O certame contou ainda com a participação de duas bandas: a Banda dos Engenheiros de Madrid e a Banda Municipal de Badajoz, amenizando o espectáculo desportivo.

Para além do importante trabalho desenvolvido no âmbito das actividades gímnicas, da esgrima e da actividade recreativa traduzida na organização de bailes, em particular os Bailes de Carnavales, a história do futebol na cidade está também ligada à dedicação e competência do professor Luciano Sampérez, dinamizando a sua prática regular desde 1899, ficando associado às origens e antecedentes que haveriam de levar à fundação do **Club Deportivo Badajoz**.

No desempenho do seu papel pedagógico, o prof. Luciano

transmitiu à juventude pacense o culto do corpo e da higiene utilizando o futebol como jogo ideal para cumprir essa finalidade, fazendo sucessivas demonstrações ao longo de cada ano até ocorrer a competente aprendizagem, processo que decorreu durante a primeira década do século XX, e que tinha o seu ponto alto durante as celebrações anuais na Feira local.

Corolário das diferentes aprendizagens, a prática do jogo de futebol começa a ter grande importância na juventude local, levando a que no dia 15 de Agosto de 1905 seja criado o **Sporting Club del Liceo**, um clube amador formado por jovens do Liceu Artístico e Literário que, seguindo o exemplo de Luciano Sampérez, decidem levar à prática tudo o que tinham aprendido.

Esta semente futebolística, que durante os primeiros anos não consegue sair do espaço físico do Liceu, começa então a desenvolver-se e em 1908 dá origem a uma nova associação, esta mais séria e organizada, designada por **Club Sportivo Pacense**. As cores escolhidas para o seu equipamento são o branco, enquanto os jogos eram efectuados no campo da Real da Feira, situado junto ao Viveiro. O seu primeiro jogo de apresentação foi realizado no dia 23.Nov.1908 contra uma equipa local, também ela de recente criação, o **Club Politécnico**.

O ano seguinte (1909) regista o nascimento de outra associação, o **Comercial Foot-ball Club**, liderado pelo empresário Demetrio Medina, realizando os seus jogos nos terrenos da Dehesa de Palomas, propriedade do Conde da Torre del Fresno, desenvolvendo-se um quadro de rivalidades com o **Club Sportivo Pacense**, traduzido na iniciativa de inscrição na recém-criada Federação Espanhola de Clubes de Futebol, acto ocorrido em finais do mês de Novembro.

Em 1910, o Club Sportivo Pacense muda de novo de nome adoptando um outro mais sugestivo para a cidade: **Badajoz Sporting Club**, e seguindo o exemplo do seu rival na cidade, procede à sua filiação na Federação Espanhola de Clubes de Futebol. Ambos os clubes se esforçam por angariarem simpatizantes, até que surge nesse mesmo ano o **Racing Club Pacense**, o terceiro.

Os jogos disputados entre o Badajoz S.C. e o Comercial F.C. são sempre muito aguerridos e intensos, até que em 1915, na sequência das negociações estabelecidas entre Demetrio Medina e Miguel Ávila, a alma do Badajoz S.C., estes acordam a fusão de ambos os clubes, dando lugar à criação de um outro mais forte, o **Sport Club Badajoz**, instituição que conserva a antiguidade da mais antiga.

Este novo clube passa a jogar no Campo de Santa Marina, propriedade de Demetrio Medina, convertendo-se no mais importante da Região. Os jogadores do S.C. Badajoz adquirem prestígio em toda a Estremadura Espanhola, na sequência dos êxitos desportivos obtidos nos confrontos com outros clubes de diferentes comunidades, incluindo equipas procedentes de Portugal.



Em 1917, por desavenças irreversíveis entre Medina e Ávila, o primeiro decide abandonar o Clube, criando em 30 de Setembro uma nova associação, designada por **Club Deportivo Extremadura**. A cisão provoca que o S.C. Badajoz fica sem campo de jogo, surgindo a figura do Conde da Torre del Fresno que cede as suas instalações de El Vivero para que o clube possa continuar a sua actividade sem mais alterações.

Entretanto, no ano anterior (1916) aparecem novos clubes





na cidade, surgindo o **Internacional Fútbol Club**, o **Balompíe Fútbol Club**, a **Escuela Normalista Fútbol Club**, o **Rompebotas Fútbol Club** e o **Gimnástico Club Extremeño**.

No início dos anos vinte os clubes Sport Club Badajoz e Club Deportivo Extremadura são os mais importantes da cidade e da região, protagonizando duelos desportivos e extra-desportivos, nos quais ambos os dirigentes se acusam mutuamente de contratar jogadores de forma pouco ética, chegando ao ponto dos dois presidentes – Medina e Ávila – chegarem a vias de facto em plena rua.

Nessa altura, os dois clubes, em parceria com outros da província, incluindo Cáceres, solicitam à Federação Espanhola poder para a criação de uma Federação própria, dando início a um conjunto de provas regionais oficiosas, em que na maioria das situações não se concluíam. Em 1924 é constituída a Federação Regional Extremeña de Clubes de Fútbol e a partir da época 1926/27, organizam-se os primeiros campeonatos Regionais.

Em 1935, com o fim da Federação do Oeste e o retorno da actividade por parte da Federação Extremeña, esta organiza o campeonato na época 1935/36, sendo ganho pelo **Racing Club Badajoz**, uma associação fundada em 1932, contando com um forte poder económico e que desde o seu nascimento se constituiu como uma séria alternativa ao S.C. Badajoz.

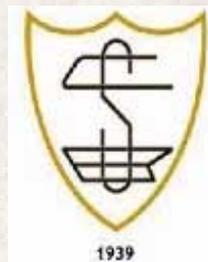
Como Campeão Regional da Primeira Categoria, o R.C. Badajoz tenta o acesso à Segunda Divisão Nacional, mas sem sucesso. Perante esse fracasso e desilusão, surgem de novo as vozes que reclamam a união dos principais clubes pacenses, visando criar uma associação mais forte, sendo para o efeito escudadas, embora as reticências iniciais de alguns dirigentes.

Nos primeiros meses de 1937, iniciam-se uma série de conversações entre os diferentes responsáveis associativos, culminando com a desejada fusão no dia 13 de Março, ficando acordado que o novo clube se chamaria Badajoz Foot-Ball Club, levando à extinção do Racing Club Badajoz, integrando-se no Badajoz Sporting Club, por ser a associação mais antiga.



A expectativa da subida não seria concretizada no plano desportivo, pelo menos nos tempos mais próximos, uma vez que em Julho tem início a Guerra Civil paralisando as actividades desportivas oficiais a nível nacional, levando, inclusivamente ao desaparecimento do Gran Gimnasio de Badajoz na sequência da morte do então director, Armengol Sampérez Ladrón de Guevara, filho de Luciano Sampérez, vítima da guerra, facto ocorrido em 13 de Outubro de 1936.

Concluída a contenda, o comando militar vencedor do conflito, contando com cidadãos civis da sua simpatia, impõem um dos dois nomes dos clubes fundidos em 1936, recuperando-se, então, o uso do **Sport Club Badajoz**, com o objectivo de esquecer o ocorrido no período político anterior, restaurando a normalidade o mais rápido possível. Entretanto, em 21 de Janeiro de 1941, o clube adopta o nome de **Club Deportivo Badajoz**, em cumprimento da nova Lei Estatal que proíbe o uso de estrangeirismos.



Em 1943, a RFEF decide estruturar a Terceira Divisão dando-lhe mais visibilidade com a inclusão de clubes pertencentes a capitais de Província e/ou

idades importantes, ficando o Clube Pacense incluído no Grupo VI onde constam outros clubes da sua região e da Federação Castelhana, modelo que se mantém em vigor durante três anos (1945/46). Na época 1943/44, obtém o segundo lugar, sendo então campeão o Club Deportivo Cacereño. No ano seguinte (1944/45), por ter vencido o campeonato, este título permite-lhe o acesso à fase seguinte, designada por Fase Inter-média de Promoção à Segunda Divisão, tendo obtido o quarto lugar. Este resultado não lhe permitiu a subida, pelo que manteve no escalão inferior. Na época seguinte (1945/46) repetiu o título e a sua participação na Fase Inter-média não foi melhor que a anterior, quedando-se em sexto e última posição. Desde então e até final da década, embora tenham conseguido boas equipas, o clube não voltou a participar na fase de promoção ao escalão superior, mantendo-se paulatinamente na Terceira Divisão.



Esse tão desejado objectivo chega na época 1952/53 através do trabalho desenvolvido pelo treinador Pepe Sierra. Com uma equipa completamente nova, e com uma direcção liderada por Francisco Reina, o clube é campeão do Grupo IV conseguindo, assim, o acesso directo à Segunda Divisão.



No final da década de oitenta do século passado verificam-se resultados próximos da subida, como é o exemplo de vice-campeão na temporada de 1987/88. Mas é no início da década seguinte que as reais aspirações começam a dar os seus frutos. Assim, na época de 1990/91 sagra-se campeão do seu Grupo, sob a liderança directiva de Félix Castillo, mas não tem o mesmo sucesso na fase de Promoção à subida ao ser superado pela Sociedad Deportiva de Compostela. Porém, na época seguinte (1991/92) consegue o objectivo de ascender à Segunda Divisão A, sob a responsabilidade técnica de Rogelio Palomo, ao obter o segundo no seu Grupo, depois de ter derrotado o Cartagena F C, o Deportivo Alavés e o Real Sporting de Gijón "B".

Com esta subida, o Club Deportivo Badajoz dá início à segunda época de grande sucesso na sua história, traduzida nas onze épocas consecutivas nessa Divisão, considerada a «Divisão de Prata» em Espanha. O regresso da equipa à categoria profissional inicia-se na época 1992/93 sob a orientação de Paco Herrera. Mas os principais destaques durante aquele período acontecem na época 1995/96, com o treinador inglês Colin Adisson, em que a equipa termina no sexto lugar com sessenta e dois pontos, a mesma pontuação que o quinto classificado, o Club Fútbol Extremadura, o qual viria a ser promovido na fase seguinte. Esta classificação repetir-se-ia nas duas épocas seguintes. Em 1996/97, sob a orientação técnica de Antonio Maceda e, em 1997/98, sob a supervisão de Miguel Ángel Lotina.

Durante este período áureo, é de salientar a transformação do clube em Sociedade Anónima Desportiva no ano de 1994, com um capital de cento e treze milhões de pesetas, mudando então a designação para **Club Deportivo Badajoz, S.A.D.** O final deste ciclo glorioso de onze anos chega na época de 2002/03, em que a equipa, do ponto de vista desportivo, é última com vinte e quatro derrotas, e na vertente económica



o clube está fortemente endividado perante os elevados encargos acumulados durante os anos anteriores e realizados com o objectivo de se manterem nesta divisão.

O Club Deportivo Badajoz inicia a temporada 2003/04 na Segunda Divisão B, tendo em vista recuperar a posição anterior, mas falha este seu primeiro objectivo, por via de ter ficado em quarto lugar na Liga, e depois, na Fase de Promoção, não ter conseguido superar o Pontevedra Club Futbol e o Club Deportivo Mirandés. Na sequência deste fracasso desportivo, o clube alvinegro ressentia-se, naturalmente, da sua crise financeira que o afectará sobremaneira influenciando as épocas seguintes.



Na temporada de 2005/06, embora tenha obtido o sétimo posto na Liga, o clube foi despromovido administrativamente à Terceira Divisão por incumprimento laboral com os seus jogadores, entrando em declínio desportivo e institucional sem precedentes e que lhe vai custar muito a recuperar. Perante a situação criada, muitos são os associados e simpatizantes que abandonam o clube, virando-se agora para outros projectos locais mais interessantes, como é o exemplo do **Agrupación Deportiva Cerro de Reyes Badajoz Atlético**, uma sociedade nascida em 6 de Janeiro de 1980 e com uma trajectória ascendente desde o início deste século, ou da **Unión Deportiva Badajoz**, uma associação criada em Ago.2006 que pretende acolher os descontentes com o clube decano da cidade.



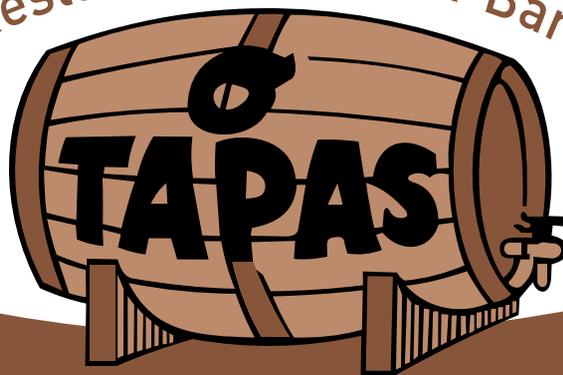
BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Jorge, (2009) – A Prática Desportiva em Idade Escolar em Portugal: análise de influências nos itinerários entre a escola e a comunidade em jovens até aos 11 anos. León: Universidad de León.
- GINÁSIO CLUBE PORTUGUÊS – sítio: gcp.pt.
- HENRIQUES, Carlos, (2010) – Remo História. Sítio: blogsport.pt.
- MASIA, Vicent, (2009) – Historia básica de los principales clubs de fútbol españoles. Pous
- SÁNCHEZ, Augusto, (2009) – Notas para la historia del Gran Gimnasio de Badajoz (1868-1936). Badajoz: Revista de Estudios Extremeños. Tomo LXV, Numero II.
- SERPA, Homero, (2007) – História do Desporto em Portugal - Do Século XIX à primeira Guerra Mundial. Lisboa: Instituto Piaget.



Jorge A. Araújo,
Fev./2013

Restaurante - Snack-Bar



No Tapas é que é bom... !

Encerramos às Segundas-Feiras

Arménio Santos Neves Gonçalves

Rua Pêro Vaz de Caminha, 24-A - 8900 Monte Gordo - Telef. 281 541 847

Autoconceito, adolescência e performance desportiva

RESUMO

Foi realizado um estudo com 106 jovens adolescentes, em que se analisam os efeitos das variáveis – performance desportiva (vitória versus derrota) e género, no autoconceito físico de jovens. Verificou-se que o autoconceito físico é influenciado positivamente pelos resultados desportivos de sucesso (vitória) e negativamente pelo insucesso (derrota). Por outro lado, o autoconceito físico varia consoante o género, apresentando valores médios mais altos nos sujeitos do género masculino.

Palavras-chave: Adolescência; Autoconceito físico; Desporto; Performance desportiva.

INTRODUÇÃO

Escolheu-se como tema o autoconceito físico, porque constitui um assunto que nos fascina e simultaneamente nos preocupa, não admira que tenha merecido de alguns anos a esta parte, de vários investigadores árdua e sistemática pesquisa. Shavelson (1970); Byrne (1996); Marsh (1996); Lau (2008); Schneider (2008) e Cuning (2011), são apenas alguns dos autores, que nos têm facultado significativo conhecimento acerca do autoconceito físico nos adolescentes. Especificando mais a nossa abordagem: pouco se sabe relativamente à variação do autoconceito físico face à performance desportiva tão diferenciada, como a vitória (sucesso) ou a derrota (insucesso).

Deste modo, vamos tentar saber como varia o autoconceito físico de um grupo de jovens adolescentes quando perdem (derrota), ou quando ganham (vitória). Também é nosso intuito, estabelecer comparações atendendo à variável sexo. Igualmente se deve realçar o facto de se considerar tão importante que, treinadores saibam o que acontece ao autoconceito físico (corporal) dos adolescentes, quando se deparam com experiências desportivas tão diferentes, como é o caso do sucesso (vitória) ou insucesso (derrota).

Direcionou-se o estudo para jovens adolescentes cujo escalão etário, estava compreendido entre os 13 e os 16 anos, nas modalidades de Andebol e Futebol, no intuito de saber como varia o autoconceito físico (corporal) face à performance desportiva sucesso (vitória), ou insucesso (derrota), em jovens adolescentes.

BREVE CARACTERIZAÇÃO DA ADOLESCÊNCIA

A faixa etária da amostra que decidimos trabalhar está compreendida entre os 13 e os 16 anos inclusive, inserem-se neste período cronológico, um universo de acontecimentos a vários níveis: físicos; sociais; culturais; psicológicos e que se convencionou chamar adolescência. De acordo com Shirtcliff et al (2009), a puberdade tem importantes implicações na regulação de competências e muitos aspectos das estruturas físicas; emocionais; cognitivas e sociais, incluindo tomadas de decisão e saúde mental, vinculam esta faixa etária. Então vamos traçar algumas características deste período etário e que nos permitirão melhor compreender os jovens que constituíram a amostra.

CARACTERÍSTICAS A NÍVEL FÍSICO (CORPORAL)

A nível físico ocorrem um conjunto de transformações que são induzidas por factores hormonais. De acordo com Bogin (1988); Fragoso e Vieira (2000); Shirtcliff (2009) e Graggs et al (2011), estas alterações dizem respeito ao desenvolvimento dos órgãos genitais no rapaz e na rapariga, alterações do tom de voz no rapaz; desenvolvimento das glândulas mamárias na rapariga; surgimento de pelos púbicos e axilares no rapaz; au-

mento assinalável dos diâmetros biacromial e bicristal no rapaz e na rapariga, respectivamente. Ocorre também neste período, o denominado salto pubertário, que consiste num rápido incremento no crescimento em estatura dos jovens adolescentes. Em termos temporais, as raparigas precedem os rapazes num determinado intervalo por vezes superior a um ano, de acordo com Bogin (1988); Fragoso & Vieira (2000) e Graggs et al (2011). Em concordância com o que foi anteriormente descrito, facilmente se concebe o estabelecer de diferenças entre géneros no plano físico e que se conhece por dimorfismo sexual, Sobral (1995); Fragoso & Vieira (2000); Malina (2001) e Shirtcliff et al (2009), a título de exemplo, são alguns dos autores, que se referem a estas diferenças. Ainda relativamente a este aspecto e de acordo com Fragoso e Vieira (2000); Malina (2001); Shirtcliff et al, (2009) e McHale et al, (2009). Convém destacar que os processos maturacionais, variam também de acordo com os contextos sócio-culturais. Embora se reconheça que em termos de contexto europeu, as diferenças não são muito acentuadas.

De acordo com Canals et al. (2005), a personalidade durante a adolescência não é estável, sendo que as diferenças de personalidade associadas ao género estão de facto presentes neste período. Mas também se reconhece neste estudo que outros fatores, por exemplo a nível biológico e social, poderão estar subjacentes a este processo.

Em síntese, pode-se dizer que a adolescência envolve um conjunto de modificações a nível físico (aumento da estatura, crescimento desproporcional dos segmentos; por exemplo: alterações a nível biológico, incrementadas pelo metabolismo endócrino e também modificações a nível psicossocial e de comportamento), fazem deste período uma fase sui generis, do desenvolvimento. Convém salientar que os ritmos de crescimento não são idênticos para raparigas e rapazes. Eles têm um processo de desenvolvimento mais tardio, isto é: começam o salto pubertário mais tarde, mas acabam este processo mais tarde, de acordo com Shiertchiff (2009).

O AUTOCONCEITO

“O auto-conceito é importante em todas as áreas do funcionamento da pessoa” (Serra, 1988, p. 104)

Podemos facilmente compreender, como diferentes autores perspectivam o autoconceito de forma diferente, isto é, o processo de analisar o autoconceito é dinâmico, evolutivo e não estático. Por outro lado, o autoconceito evolui desde a infância até à idade adulta, sofrendo em função das interações e da percepção da competência social.

Shavelson, et al (1996, cit in Ferreira, 1997), vão mais longe, escarpelizam a anatomia do autoconceito e identificam sete aspectos fundamentais do constructo autoconceito:

- 1 – é organizado e estruturado;
- 2 – é multidimensional;
- 3 – é hierárquico, com percepções do comportamento pessoal em situações específicas na base da hierarquia e um autoconceito global geral localizado no topo do modelo;
- 4 – o autoconceito localizado no topo da hierarquia é estável, mas torna-se cada vez mais dependente de situações específicas e progressivamente instável consoante o que descermos em termos hierárquicos;
- 5 – de acordo com o evoluir da idade, assim o autoconceito se torna mais multidimensional;
- 6 – o autoconceito é simultaneamente descritivo e avaliativo, cada sujeito poderá assim dar importância e peso diferente a dimensões específicas;
- 7 – o autoconceito pode ser diferenciado de outros constructos.



Fraine et al, (2007), considera o autoconceito um julgamento subjectivo da percepção de competência em cada domínio, por exemplo: o social o físico ou académico. A multidimensionalidade do autoconceito tem sido muito enfatizado.

OPERACIONALIZAÇÃO DAS HIPÓTESES

H1: Existem diferenças significativas no que diz respeito à forma como o auto-conceito físico (corporal) é influenciado pela performance desportiva (vitória versus derrota).

Variável Independente: Performance desportiva (vitória versus derrota).

Variável Dependente: Autoconceito físico (corporal).

H2: Existem diferenças significativas no que respeita à forma como o auto-conceito físico é influenciado pela performance desportiva (vitória ou derrota) em adolescentes de acordo com o género masculino versus feminino.

Variável Independente: Performance desportiva (vitória ou derrota).

Variável Dependente: Autoconceito físico género masculino versus auto-conceito físico género feminino.

OBJETIVOS:

Determinar o peso das diferentes dimensões do autoconceito físico (corporal) face à performance desportiva (vitória versus derrota); Saber se as dimensões que constituem o autoconceito físico (corporal) assumem idêntica importância no género masculino versus feminino.

METODOLOGIA:

Aplicamos o questionário descritivo do autoconceito físico (corporal), validado por Guilherme & Peixoto (2003), a 106 jovens de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 13 e os 16 anos, após a competição, nas modalidades de andebol e futebol.

CONCLUSÕES:

O autoconceito (físico) corporal é afectado positivamente pela performance desportiva associada ao sucesso (vitória) e negativamente pelo insucesso (derrota), isto é: o autoconceito corporal apresenta valores inferiores quando associado ao insucesso (derrota).

Existe relação significativa entre género e performance desportiva, significa dizer que o autoconceito varia consoante o género.

O género masculino apresenta valores médios mais altos no autoconceito (físico) corporal, relativamente ao feminino.

O sucesso desportivo nos rapazes reflecte-se em vários itens superiores às raparigas no que diz respeito ao autoconceito (físico) corporal, o insucesso desportivo parece não afectar os rapazes; ao invés, afecta as raparigas que apresentam níveis do autoconceito corporal inferiores.

BIBLIOGRAFIA

- Bogin, B. (1988). *Patterns of Human Growth*. (43-73 e 173-194). Cambridge: Cambridge University Press
- Byrne, B. (1996). *Academic Self-Concept: Its Structure, Measurement and Relation to Academic Achievement*. In *Handbook of Self-Concept*. (pp. 374-394). New York, John Wiley & Sons, Inc.
- Canals, et al (2005). « Personality changes during adolescence: the role of gender and pubertal development». In *Personality and Individual Differences*, 39, 179-188.
- Craggs et al. (2011). «Determinants of Change in Physical Activity in Children and Adolescents-A Systematic Review». In *American Journal of Preventive Medicine* 40 (6):645-658.
- Cunning, s. et al. (2011). «The Mediating role of physical self-concept on relations between biological maturity status and physical activity in adolescence females». In *Journal of Adolescence* (34) 465-473.
- Ferreira, J. P. L. (1997). *A influência de variáveis biosociais e de aptidão física na evolução do auto-conceito/imagem corporal em jovens entre os 14/16 e os 17/19 anos de idade com e sem sucesso escolar*. Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento da Criança. Faculdade de Motricidade Humana. Universidade Técnica de Lisboa.
- Fragoso, I. & Vieira, F. (2000). *Metodologia e Crescimento*. (pp. 62-63 e 77- 135). Cruz Quebrada. FMH Edições.
- Fraine, B. et al (2007). « A longitudinal analysis of gender differences in academic self-concept and language achievement: A multivariate multilevel latent growth approach» In *Contemporary Educational Psychology* (32) 132-150
- Lau, P. et al. (2008). «A Structural equation model of the relationship between body perception and self-esteem: Global Physical self-concept as the mediator» In *Psychology of Sport and Exercise* (9). 493-509.
- Malina, R. M. (2001). *Growth, Maturation and Physical Activity in A Multidisciplinary Approach to Human Movement*. (29-44). Universidade de Coimbra. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.
- McHale, S. et al (2009). «The Development of Gendered Interests and Personality Qualities From Middle Childhood Through Adolescence: A Biosocial Analysis» In *Child Development* March/April, Volume 80, Number 2, 482-495.
- Shirtcliff, E. et al (2009). «Pubertal Development: Correspondence Between Hormonal and Physical Development». In *Child Development*, March/April Volume 80, Number 2, 327-337.
- Schneider, M. et al (2008). «Adolescence activity and physical self-concept among sedentary adolescent females: An intervention study» In *Psychology of Sports and Exercise* (9). 1-14
- Serra, A. (1988). *O Auto-Conceito: Análise Psicológica*: VI (2). 101-110
- Shavelson, R. et al (1976). *Self-Concept: Validation of Construct Interpretations*. In *View of Educational Research*, 46 (3). 407-441.
- Shirtcliff, E. (2009). «Pubertal Development Correspondence Between Hormonal and Physical Development» In *Child Development*. March / April. Volume 80, Number 2, 327-337.
- Sobral, F. (1995). *Determinantes Culturais da Prática Desportiva das Crianças e dos Adolescentes*. Lisboa: Editora Livros Horizonte.
- Ybrandt, H. (2008). «The relations between self-concept and social functioning in adolescence». In *Journal of Adolescence* 31,1-16.



José Guilherme





Nuno Encarnação é licenciado em Ciências do Desporto pela Faculdade de Motricidade Humana (especialização em futebol) e treinador de futebol (nível 3)

O olhar de... Nuno Encarnação

A reunião técnica de futebol

No dia 17 de Maio de 2013 fui convidado para assistir à reunião técnica de futebol promovida pela AF Algarve, que contou com a presença de um número assinalável de treinadores de formação e alguns dirigentes de clubes algarvios.

A ideia era auscultar os intervenientes no processo de formação dos jovens futebolistas algarvios e discutir as carências e virtudes dos campeonatos jovens.

Aproveito, desde já, para dar os parabéns à AFA por esta iniciativa que vi com grande expectativa. Espero que esta seja a primeira de muitas e que através destas reuniões se possa aumentar a comunicação entre treinadores, dirigentes, clubes e associação, para que assim possamos contribuir para um futebol algarvio mais forte e de melhor qualidade. Dos vários temas abordados, destaca-se, o decréscimo do número de atletas federados à medida que se avança no escalão etário: os campeonatos de juniores tiveram nos últimos anos um decréscimo muito significativo no número de atletas e consequentemente do número de equipas.

Para solucionar este e outros problemas de ordem estrutural foram sugeridas várias propostas pelos presentes que passo a enumerar:

1- No final de cada época desportiva os treinadores deveriam discutir entre si, avaliar prós e contras e ponderar alterações aos calendários competitivos, a criação de um regulamento autónomo que permita a valorização do jovem atleta, etc.

2- A AFA como entidade reguladora deveria criar as condições para que os treinadores uniformizem os seus métodos de trabalho, apostando na valorização do perfil do treinador de jovens, adequado e determinado em formar jovens jogadores.

3- Uma das iniciativas sugeridas foi a criação de um compêndio de treino assinado por todos os treinadores, os quais se propunham a trabalhar dentro dessas linhas orientadoras e pelo qual todo o futebol jovem se deveria reger, à imagem do que foi feito por exemplo nas federações alemã e italiana. Este anuário não seria nenhuma "receita"; seria, sim, um auxiliar que se traduziria num conjunto de princípios e modelos, que serviriam de base ao trabalho do treinador.

4- Outra proposta, seria a criação de um regulamento pedagógico criado e uniformizado pelos próprios treinadores, adequado aos vários campeonatos e que visaria sancionar comportamentos e atitudes que queremos ver banidas dos campos de futebol.

5- Uma ideia sugerida pela mesa moderadora visou findar com o

troféu de campeão até aos sub-12, questão que merece a minha inteira concordância, pois iria certamente beneficiar a formação, ao invés da "campeonite" que muitos ainda espalham por esses campos do Algarve, ou seja, ganhar a qualquer custo, quando o que se pretende nestas idades é que os miúdos aprendam o jogo; e o que eles querem mesmo é... jogar!

Esta medida já praticada por outras associações iria certamente contribuir para um "corte epistemológico", que teria certamente um impacto não só nos intervenientes, mas também nos pais dos atletas que muitas vezes e de forma inconscientemente "cobram" as vitórias aos seus filhos.

6- A formação dos treinadores de jovens também foi abordada por vários treinadores solicitando que o 1.º grau seja realmente direcionado para o treino com jovens. Este deve abordar temáticas que englobem o crescimento e maturação dos jovens, o treino técnico e físico a efetuar e abordagens psico-sociais a realizar. O treinador deverá ter em atenção qual o que jogo deverá ser ensinado às crianças, adequando-o à sua idade, e deverá criar condições de variabilidade da prática desportiva que enriqueçam o seu repertório psico-motor.

Muitas das vezes esquecemos que estando a lidar com miúdos. Nós, treinadores de jovens, não podemos errar duas vezes por isso o perfil do escolhido para essa tarefa deveria ter em conta a competência a aptidão, pois serão estes os responsáveis pela formação desportiva, moral e cívica do atleta de amanhã; o treinador deverá ser um "modelo de virtudes" uma vez que deixará de uma forma distinta o seu traço nos atletas que forma.

7- O problema do decréscimo do número de equipas pode ter várias leituras, uma delas prende-se certamente com a crise que atravessam não só os clubes mas também as famílias algarvias, em que os adolescentes em idade de trabalhar optam por fazê-lo. Também é ponto assente, que chegando a esta idade, muitos dos jovens iniciam o seu percurso universitário. O fato de haver cada vez mais modalidades que competem com o futebol, e atrações de várias formas sociais também contribui para o acentuar do problema. No entanto, destaco a falta de jogos nos diversos escalões e a falta de competitividade dos campeonatos sub-14 e sub-16 (já referido por mim nesta revista em edição anterior). Quanto mais equilibrados forem os campeonatos jovens, mais capacitados irão ser os atletas e mais competitivos irão ser as equipas no futuro. Equipas de nível superior devem jogar com equipas de nível semelhante; o grande desnível de resultados também contribui e de que maneira para o abandono dos atletas.





Último Pontapé

Três de novo após duas décadas

O tempo voa e já passaram vinte anos: o Algarve vai contar na próxima época com três equipas nos escalões profissionais, algo que não acontecia desde a campanha 1993/94, tempos em que o Farense assumia o estatuto de principal referência da região, esboçando a equipa que, no ano seguinte, viria a alcançar a melhor classificação de sempre da história do clube (5.º lugar) e o consequente apuramento para a Taça UEFA.

Nessa temporada de 1993/94, a turma de Faro, orientada por Paco Fortes, alcançou um honroso oitavo lugar, entre 18 participantes, e, dos vários bons resultados alcançados, sobressaiu um triunfo caseiro diante do FC Porto, por 1-0, golo (de belo efeito) de Goran Stevanovic, aos 85 minutos.

O guarda-redes José Carlos, internacional brasileiro, já falecido, era uma das referências da equipa, a par de jogadores que deixaram marca no melhor ciclo da história do Farense: Portela, Luisão, Paixão, Stefan, Jorge Soares, Sérgio Duarte, Hajry, Hugo, Hassan, Pitico e Mané, entre outros. Na época seguinte, Hassan viria a sagrar-se melhor marcador da 1.ª Liga, sendo o único jogador que alcançou essa proeza ao serviço de um clube algarvio. Enquanto isso, a 2.ª Liga, também com 18 participantes, teve a presença de Portimonense e Louletano. A turma de Portimão procurava então recuperar de um quadro financeiro muito desconfortável, que começou a desenhar-se nos últimos anos da década de 80, ainda no escalão principal, agravando-se nos primeiros anos da década de 90, mas, nessa época, garantiu a permanência, embora com evidente dificuldade, pois só na última jornada os seus adeptos respiraram fundo...



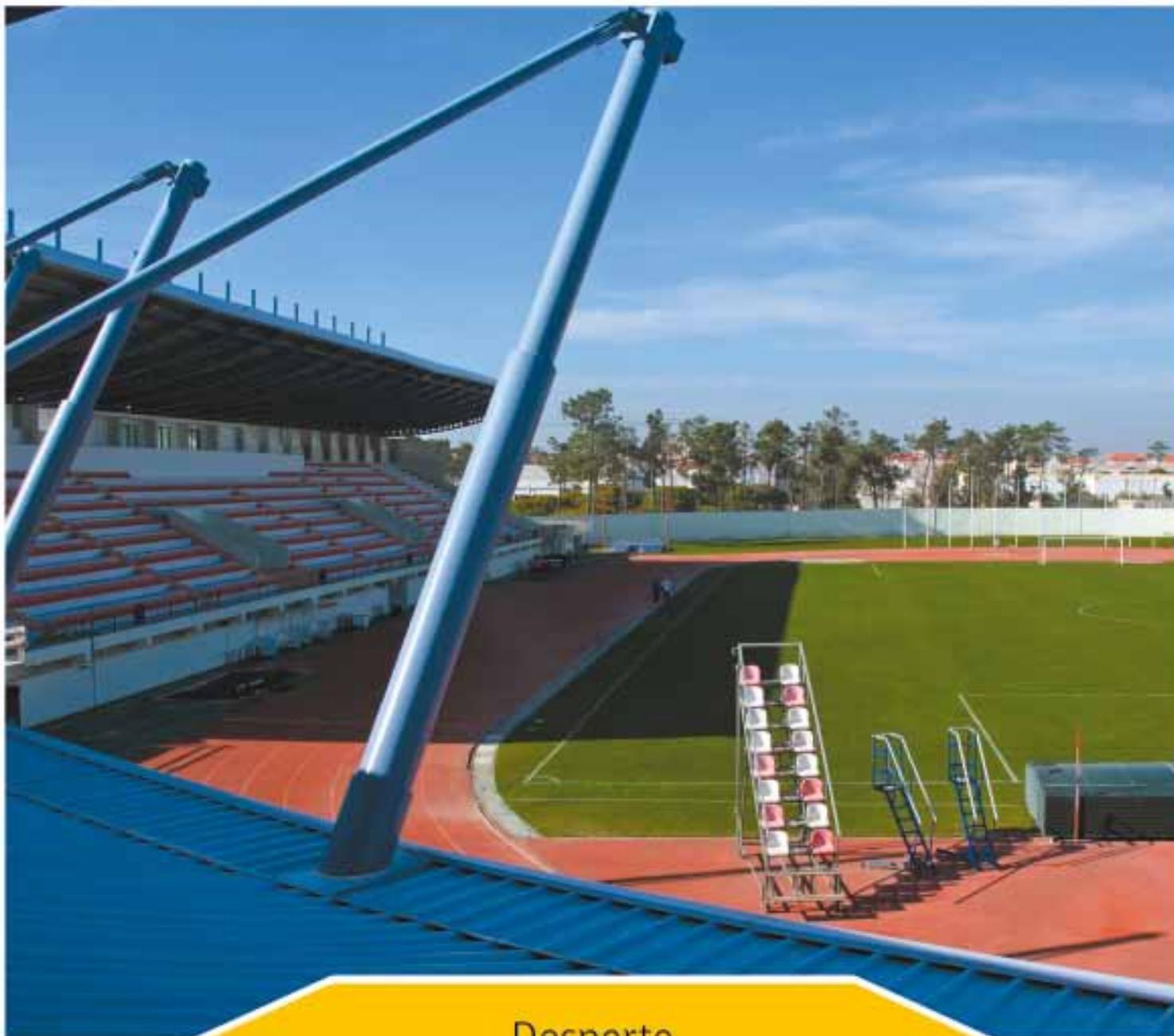
Na ronda final, o Portimonense só dependia de si: ganhando ao Aves, não desceria. E cumpriu o objectivo, com um triunfo caseiro por 4-2, que afastou o fantasma da queda na 2.ª Divisão. Amílcar Fonseca, um treinador marcante no historial dos barlaventinos, comandou um grupo que contava com o guarda-redes Mendes, a viver um segundo ciclo no clube, e ainda jogadores como Nuno Valente, lateral-esquerdo emprestado pelo Sporting, em início de carreira, e que brilharia com as cores do FC Porto, o brasileiro Duílio, que chegara a capitanear o conjunto do Sporting, Amílcar Delgado, actual secretário-técnico, e Edinho, avançado que brilhou também em Olhão e encerrou a carreira já depois dos 40 anos, no Farense.

O Louletano chegou à última jornada ainda com possibilidades de assegurar a manutenção mas sem depender de si. A equipa até fez algo que seria pouco previsível, ganhando por 1-0 no reduto do Tirsense, que se sagrou campeão e subiu à 1.ª Liga, mas os resultados noutros campos não ajudaram os homens de Loulé, que caíram na 2.ª Divisão.

Manuel Balela foi o primeiro treinador dessa temporada, sucedendo-lhe depois Ricardo Formosinho. Na defesa pontificava Gilson Pagani, hoje secretário técnico, e ainda o jovem Idalécio, que brilharia no Farense, no Sporting de Braga e noutros clubes da 1.ª Liga. Augusto, Telmo Pinto, Baltasar, Tó Manel ou os guarda-redes Rogério e Tavares eram outros dos integrantes do plantel.

ARMANDO ALVES





Desporto

COMPLEXO DESPORTIVO

Vila Real de Santo António

Desporto aqui.



Município de Vila Real de St^o. António
Praça Marquês de Pombal
8900 - 231 Vila Real de St^o. António

Tel. 281 510 000
Fax. 281 510 003

www.cm-vrsa.pt



VILAREALST^oANTONIO

Albufeira *vive o* *desporto*



Albufeira

CÂMARA MUNICIPAL

www.cm-albufeira.pt